

Perceções populares sobre a variação sociolinguística em Crioulo português do Sri Lanka¹

Patrícia Costa

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

Este trabalho apresenta os resultados do primeiro estudo conduzido no âmbito da dialetologia perceptual aplicado ao Crioulo português do Sri Lanka, uma das línguas minoritárias e ameaçadas atualmente faladas no Sri Lanka. Em particular, documenta, analisa e contextualiza as perceções populares partilhadas pelos membros desta comunidade crioulófona acerca da variação sociolinguística detetável na variedade moderna da língua. Com base na análise de comentários metalinguísticos produzidos em contexto de entrevista presencial e dos resultados da aplicação de um questionário online, este estudo revela que os falantes perspetivam o Crioulo português do Sri Lanka como um sistema linguístico discreto, independente e intrinsecamente associado à sua identidade étnica. Apesar disso, verifica-se que os falantes são tendencialmente sensíveis à variabilidade, sendo capazes de identificar, pelo menos, duas variedades dialetais demarcáveis e de detetar instâncias de variação que circunscrevem certos segmentos sociodemográficos da comunidade linguística. Os resultados revelam ainda um conjunto de ideologias estáticas e hegemónicas que parecem circular entre os membros da comunidade e que enquadram negativamente práticas linguísticas divergentes.

Palavras-chave: Crioulo português do Sri Lanka, dialetologia perceptual, atitudes linguísticas, variação sociolinguística, comentários metalinguísticos

¹ Este trabalho foi financiado por fundos nacionais pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito da Bolsa de Doutoramento com a referência 2021.07403.BD. A autora expressa o seu agradecimento aos membros da comunidade de falantes do Crioulo português do Sri Lanka que, entre 2015 e 2023, contribuíram generosa e pacientemente para a documentação e descrição desta língua. Agradecimentos são também devidos a Hugo C. Cardoso e aos restantes membros da equipa do projeto *Documentation of Sri Lanka Portuguese*, Mahesh Radhakrishnan e Rui Pereira. A autora agradece ainda a um avaliador anónimo e ao editor deste volume especial, Clancy Clements.

1. Introdução

A descrição sincrónica de uma língua nem sempre contempla a documentação e inclusão de instâncias de variação, uma vez que esta pode ser percecionada como um fenómeno marginal, atribuível a forças aleatórias ou resultante de erros de performance. Noutros casos, é o acesso a uma amostra demográfica restrita e ao seu comportamento linguístico mais ou menos homogéneo que conduz à descrição categórica de certos fenómenos. A estas limitações mais gerais, acresce ainda a dificuldade de detetar e interpretar instâncias de variação em línguas sub-documentadas e/ou sub-descritas, as quais não beneficiam nem da investigação prévia nem da uniformização de que outras línguas dispõem.

Cardoso (2014), investigando fontes antigas e modernas dos crioulos indo-portugueses da Índia, mostra como a relativa escassez de registos da variabilidade neste grupo de línguas terá omitido a existência de um cenário sociolinguístico mais complexo, que uma inspeção mais detalhada de fontes e arquivos permitiu vislumbrar. Apesar de ter sido objeto de estudo desde o século XIX, o Crioulo português do Sri Lanka² foi também representado nas fontes empíricas como um sistema relativamente homogéneo, assinalando-se apenas referências esparsas a formas ou estruturas variantes sem, no entanto, se as correlacionar de forma sistemática com variáveis sociais ou linguísticas. Smith (1977, 1979), baseando-se maioritariamente em dados provenientes da comunidade crioulofona de Batticaloa, no leste do Sri Lanka, documenta algumas instâncias de variação fonético-fonológica e morfossintática a atuar naquela variedade da língua, oferecendo também a primeira referência explícita à existência de variação diatópica. Segundo o autor, “other spoken varieties of Sri Lanka Portuguese appear to be quite similar to Batticaloa Portuguese”, pese embora tenha reconhecido algumas propriedades fonéticas, lexicais e morfossintáticas distintivas nas amostras de fala que recolheu no distrito de Trincomalee, a norte de Batticaloa (Smith 1979: 213).

² ISO 639-3 *idb*; Glottolog *mala1544*. Ao longo da história bibliográfica conduzida em ou acerca da língua que é neste artigo objeto de estudo, muitos foram os glossónimos utilizados, evidenciando aspetos fundamentais da natureza da língua e/ou das conceções epistemológicas dos autores desses trabalhos. Atualmente, as comunidades crioulofonas referem-se à língua como *putiyees/purtugees* ‘Português’, *nósa lingvááy* ‘a nossa língua’ ou ainda, recorrendo a uma designação relacional, *baargar(su) lingvááy* ‘língua de Burgher’. Neste trabalho, adotamos a designação “Crioulo português do Sri Lanka” (em distribuição complementar com a forma mais curta “Crioulo português”).

Mais recentemente, a constituição de um corpus de documentação das variedades modernas da língua, integrando amostras de fala de falantes provenientes de várias localidades e segmentos sociodemográficos da comunidade crioulofona, permitiu a identificação de mais instâncias de variação (e.g. Cardoso 2019: 33-34; Cardoso & Costa 2021), demonstrando como o reconhecimento, descrição e análise empírica da variação estão dependentes do acesso a corpora representativos.

A identificação da variabilidade pode, no entanto, ser feita através de um método adicional e que pressupõe também a consideração das perspectivas dos falantes. Com efeito, atentar nas percepções populares sobre a variação tem permitido aos investigadores identificar, por um lado, onde os falantes acreditam existir variedades (socio)dialetais numa dada comunidade linguística e, por outro, quais as propriedades linguísticas que sustentam as divisões por eles sugeridas. A partir da análise empírica das considerações populares é possível ainda intuir acerca de ideologias linguísticas em circulação.

O objetivo deste artigo é justamente o de compreender como a variação sociolinguística em Crioulo português do Sri Lanka (CSL) é apreendida e enquadrada pelos seus próprios falantes, partindo dos pressupostos e metodologias da dialetologia perceptiva. Para isso, analisamos comentários metalinguísticos produzidos pelos falantes no decurso das entrevistas constantes do corpus de documentação *Documentation of Sri Lanka Portuguese* (DSLPP) acerca da variabilidade por eles percebida. Para além disso, analisamos também os dados resultantes da aplicação de um questionário online que procurou obter e elicitar um conjunto de respostas comparáveis relativas à percepção dos falantes acerca da variação sociolinguística em Crioulo português do Sri Lanka.

Este trabalho segue a seguinte estrutura. A secção 2 apresenta o contexto sociolinguístico em que se situam as comunidades crioulofonas na atualidade, seguindo-se, na secção 3, a apresentação dos princípios e métodos da dialetologia perceptiva. A secção 4 detalha a metodologia e a fonte dos dados considerados neste trabalho. Na secção 5 são apresentados os resultados divididos em subsecções temáticas e, por fim, na secção 6, a discussão dos resultados. As considerações finais são sumariadas na secção 7.

2. Crioulo português do Sri Lanka: contexto sociolinguístico na atualidade

A emergência de identidades mestiças, compósitas e crioulas nos espaços de dominação colonial portuguesa foi, em muitos casos, acompanhada da

emergência de produtos linguísticos mestiços, compósitos e crioulos – longe de se constituir como uma curiosidade de ocasião, a formação do Crioulo português do Sri Lanka configura-se como uma das várias consequências linguísticas que resultaram da presença da língua portuguesa ao longo dos séculos XV e XVI no território que compreende a Ásia em geral e a Ásia Meridional em particular. Tradicionalmente incluído na designação “indo-português”, termo genérico que abrange as variedades linguísticas formadas na Índia e no Sri Lanka na sequência do projeto colonial português, o Crioulo português do Sri Lanka configura-se como uma variedade linguística discreta e autónoma, divergente (i) do Português Europeu, moderno e antigo, (ii) das línguas autóctones faladas no Sri Lanka³ e (iii) das outras línguas crioulas faladas tanto no subcontinente indiano como no sudeste asiático, ainda que com todas estas partilhe aspetos fundamentais da sua história e estrutura linguística. A par dos crioulos de Diu, Damão, Korlai e Cananor (Índia), de Malaca e o de Macau, que subsistem em contextos sociolinguísticos de vitalidade variável, o Crioulo português do Sri Lanka mantém-se hoje em uso entre a comunidade dos denominados *Burghers*⁴ de ascendência portuguesa, funcionando como a língua materna e o meio de comunicação natural e de coesão cultural e identitária dos seus membros. É uma língua minoritária e atualmente ameaçada, não beneficiando de qualquer reconhecimento oficial, regional ou local, de convenções ortográficas definidas e padronizadas ou de presença nos meios de comunicação tradicionais, no sistema de ensino ou na paisagem linguística do país.

Em 1900, Sebastião Rodolfo Dalgado afirmava, otimista, que o Crioulo português do Sri Lanka “não dá nenhuns sinais de estar agonizante, mas, pelo contrário, promete longa e robusta vida”, sendo “falado como língua materna por quase todos os eurásianos ou burghers, e aprendido, por conveniências comerciais, domésticas ou religiosas, por muitos europeus e nativos” (Dalgado 1900: 51). Se é certo que esta língua se terá difundido por entre vários

³ No Sri Lanka, são faladas, pelo menos, oito línguas, de estatuto, genealogia e vitalidade variáveis: Cingalês, Crioulo malaio do Sri Lanka, Crioulo português do Sri Lanka, Inglês, Língua Gestual Srilanquense, Tâmul, Têlugu e Vedda. O Cingalês e o Tâmul são as línguas dos dois grupos étnicos dominantes do país, constituindo-se também como as duas línguas oficiais do país. O Inglês está consagrado na constituição como a língua de ligação.

⁴ *Burgher* é um termo etnónimo que deriva da palavra neerlandesa (*vrij*)*burgers* que designava os funcionários da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais (VOC) que se casaram e se estabeleceram no Ceilão e que designa, até à atualidade, os membros das comunidades de ascendência euroasiática, independentemente da origem portuguesa ou neerlandesa.

segmentos da sociedade ceilonense, tornando-se conveniente, se não mesmo essencial, para a comunicação entre indivíduos e grupos de diversas proveniências e afiliações étnicas até, pelo menos, ao século XIX, também o é que a administração britânica em vigor entre 1796 e 1947 promoveu a marginalização e a estigmatização das práticas culturais e linguísticas dos euroasiáticos, sobretudo os de ascendência portuguesa, perspetivados como um grupo de estrato inferior. Este contexto político e social não parece ter sido particularmente favorável à manutenção do crioulo nem entre “todos os eurasiáticos” e muito menos entre outros “europeus e nativos”, estes últimos empenhados em adquirir e aprender o Inglês, língua cujo valor instrumental era significativo, permitindo o acesso privilegiado ao ensino superior e/ou a funções profissionais valorizadas. Com o advento do nacionalismo linguístico promovido no período pós-independência (1948-), os falantes de línguas minoritárias foram mais uma vez confrontados com a necessidade de privilegiar as línguas autóctones e/ou o Inglês em detrimento das línguas ancestrais. Face ao exposto, o prognóstico de “longa e robusta vida” que Dalgado anteviu para o Crioulo português do Sri Lanka pode ser apenas parcialmente validado: é indiscutível que a língua tem tido uma “longa vida”, adaptando-se à ecologia social, política e linguística sempre mutável do Sri Lanka contemporâneo, ainda que o seu estatuto permaneça minoritário e a sua robustez/vitalidade siga uma trajetória descendente, circunscrevendo-se agora apenas a uma parcela dos *Burghers* de ascendência portuguesa. As condições de subalternidade e marginalização social e étnica destas comunidades remanescentes encontram reflexo nos comportamentos linguísticos dos seus membros, situados numa encruzilhada entre a necessidade de assimilação aos códigos e à língua dos agentes de poder dominantes na esfera transnacional, nacional e regional e a afirmação identitária num contexto político tendencialmente etnocrático.

As comunidades euroasiáticas de origem portuguesa historicamente concentram-se nos distritos de Ampara, Batticaloa e Trincomalee. Em Batticaloa, concentram-se nas áreas de Koolavadi, Mamangam, Dutch Bar e Sinna/Periya Uppodai. Outros aglomerados habitacionais localizam-se em zonas mais periféricas, com destaque para Panichchiyadi, onde alguns membros da comunidade se estabeleceram na sequência do tsunami de 2004, ao abrigo de programas de realojamento governamental. Em Trincomalee, os *Burghers* concentram-se maioritariamente no centro da cidade e na área de Palayuthu, a cerca de 3 quilómetros do centro. Outros aglomerados podem encontrar-se nas áreas periféricas de Sampalthivu e de Selvanayagapuram. No distrito de Ampara, é nas áreas de Akkaraipattu, Alaiyadivembu, Manalchenai ou Kalmunai que os *Burghers* residem em maior número. Em Jaffna, os poucos

Burghers portugueses remanescentes concentram-se na área cristã de Chundukuli, em Navatkuli e em Gurunagar, no centro da cidade de Jaffna – ver Figura 1.

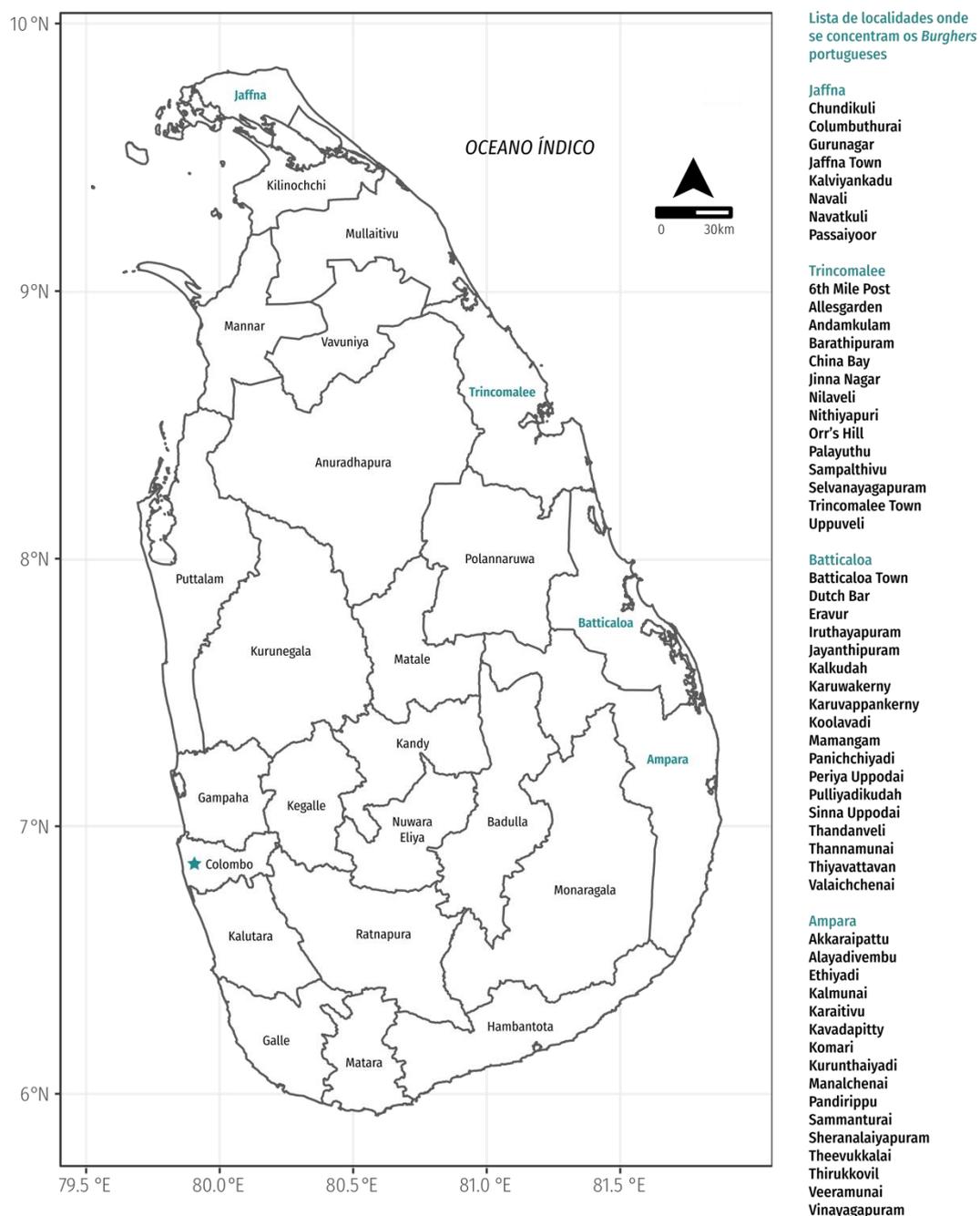


Figura 1: Mapa com indicação das localidades onde os *Burghers* portugueses se concentram na costa leste (Pereira 2022) e norte do Sri Lanka

Em termos intercomunitários, os *Burghers* residentes nos distritos da província leste contactam, com maior ou menor frequência e intensidade entre si, relacionando-se por motivos familiares, religiosos ou profissionais. É, com efeito, frequente que alguns membros da comunidade tenham residido em mais do que um destes distritos ao longo da vida, que o local fixo de residência não corresponda ao local onde trabalham ou que se desloquem entre distritos para participar em eventos comunitários ou estabelecer ou manter relacionamentos interpessoais. A comunidade de Jaffna (província norte), pelo contrário, encontra-se isolada, não havendo registo de contactos prolongados com membros da província leste; de resto, para a generalidade dos membros das comunidades de Ampara, Batticaloa e Trincomalee, a existência de uma comunidade remanescente de *Burghers* em Jaffna permanece desconhecida.

A distribuição geográfica das comunidades de *Burghers* portuguesas é uma boa aproximação da distribuição geográfica dos falantes que integram as comunidades crioulófonas, aqui entendidas como o conjunto de indivíduos pertencentes ao grupo dos euroasiáticos de origem portuguesa que utilizam o Crioulo português do Sri Lanka no seu repertório linguístico quotidiano. A dimensão destas comunidades crioulófonas tem permanecido incerto, baseado em estimativas calculadas a partir de dados impressionistas. Com o objetivo de aferir empiricamente o tamanho, distribuição geográfica, composição e padrões de uso das comunidades crioulófonas remanescentes nos distritos de Ampara, Batticaloa, Jaffna e Trincomalee foi conduzido, no âmbito do projeto *Documentation of Sri Lanka Portuguese* (DSLPP), um inquérito sociolinguístico que consistiu na recolha de informação sociodemográfica e relativa à proficiência e padrões de uso linguísticos relativa a 3145 indivíduos distribuídos por 937 agregados familiares. Os resultados, publicados em Pereira (2022), demonstram que o número de falantes do crioulo é muito inferior ao número de *Burghers* portugueses recenseados, confirmando a tendência que já nas últimas décadas do século XX fora notada por alguns investigadores: mais de metade da amostra (n=1788) não falam nem entendem a língua e apenas 25,6% (n=806) do total de inquiridos pode ser considerado fluente⁵ em crioulo, havendo, assim, um desfazamento significativo entre o número de falantes e o número de membros desta comunidade étnica. Este número não integra, no entanto,

⁵ Por “falantes fluentes” compreende-se os indivíduos que se autoavaliam, no inquérito, como capazes de “perceber e falar fluentemente” e de “entender e falar com pouca dificuldade” o crioulo. Semi-falantes são aqueles que “entendem e falam com muita dificuldade” e “entendem, mas não falam” e, por fim, os não-falantes são aqueles que não entendem nem falam a língua.

falantes que residem noutros distritos do Sri Lanka ou na diáspora e é, por isso, expectável que o número absoluto de falantes proficientes seja ligeiramente superior ao sugerido neste inquérito.⁶ A distribuição dos tipos de falantes por distrito, ilustrada na Figura 2, revela que, em termos absolutos, é em Batticaloa que se concentra o maior número de falantes proficientes do crioulo (460/790), seguido de Trincomalee (216/790), de Ampara (114/790) e, por fim, de Jaffna (16/790). Não obstante, é em Trincomalee que se regista a maior percentagem relativa de falantes fluentes, correspondendo a 38,4% (216/563) do total de inquiridos naquele distrito.

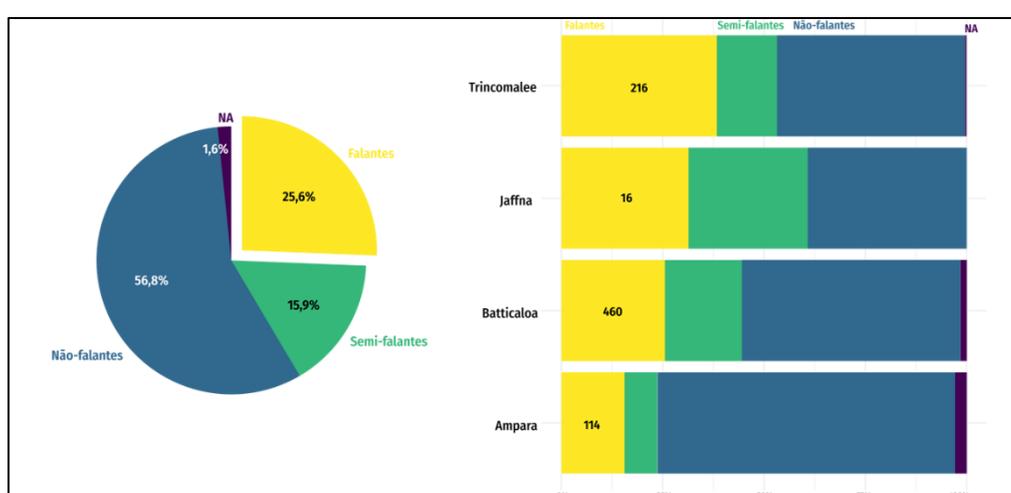


Figura 2: À esquerda, percentagem absoluta da fluência em CSL e, à direita, número/percentagem relativa de falantes fluentes por distrito (baseado em Pereira 2022)

O nível de transmissão intergeracional do crioulo tem permanecido limitado, com o afastamento continuado das crianças e jovens em direção à aquisição e aprendizagem do Tâmul e/ou do Cingalês, as línguas dos grupos dominantes do país e aquelas na qual a escolarização é geralmente assegurada no período pós-independência. Os grupos sociodemográficos até aos 40 anos de idade permanecem aqueles cujos padrões de fluência em Crioulo português são mais reduzidos. Entre os 40 e os 50 anos, cerca de metade dos indivíduos recenseados integra a categoria dos falantes ou dos semi-falantes e só a partir dos 50 anos de

⁶ Importa também referir que o nível de proficiência dos respondentes resulta de uma auto-avaliação, necessariamente subjetiva e influenciada por vieses cognitivos. É, pois, possível que alguns respondentes tenham reportado capacidades linguísticas excessivamente conservadoras ou otimistas em cada uma das línguas consideradas no questionário.

idade a percentagem de falantes fluentes em crioulo supera a de não-falantes, mantendo-se essa tendência até às faixas etárias mais elevadas (Figura 3).

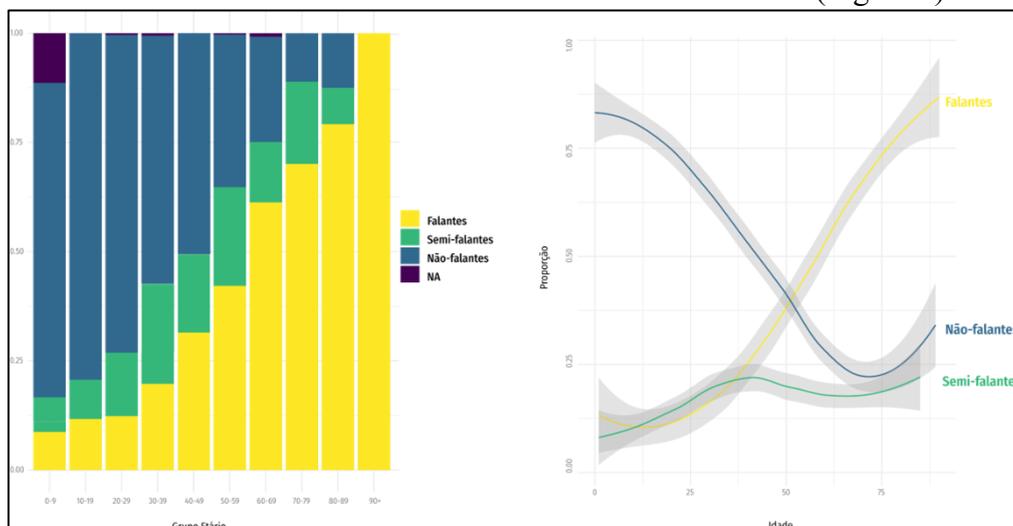


Figura 3: Panorama geral de proficiência em Crioulo português do Sri Lanka, por grupo etário (esquerda) e por idade (direita) (baseado em Pereira 2022: 79-80)

3. Dialetoлогия percetiva: considerações populares da variação sociolinguística

As práticas linguísticas englobam duas componentes: por um lado, o comportamento verbal observável nas interações entre membros de uma comunidade de fala; por outro, o conhecimento metalinguístico que inclui tudo o que os falantes conscientemente sabem e julgam acerca da língua (Himmelman 1998: 166). Desse conhecimento metalinguístico faz também parte a consciência da variabilidade que inevitavelmente caracteriza qualquer sistema linguístico e que é pelos falantes não só percecionada como interpretada e sistematizada. A dialetoлогия percetiva é, assim, a área de interface que, representando “the dialectologist’s-sociolinguist’s-variationist’s interest in folk linguistics” (Preston 1999b: xxv), procura obter uma visão holística da variação linguística, considerando não apenas dados empíricos como também as percepções populares que os falantes partilham acerca dos usos linguísticos de determinada comunidade linguística geograficamente circunscrita (Preston 1986, 1999a).

Baseando-se nos pressupostos teóricos que norteiam a investigação dialetoológica, alarga o seu raio de atuação ao incluir as considerações subjetivas dos falantes acerca da variabilidade que caracteriza as suas práticas linguísticas

ou as de membros de outras comunidades de fala. Para isso, recorre a um conjunto de métodos, especialmente desenvolvidos para o efeito, que incluem a identificação de áreas dialetais num mapa [“draw-a-map”], a classificação de regiões/grupos de indivíduos numa escala de diferenciação/similitude [“degrees of difference”] e de áreas/grupos de indivíduos numa escala de correção/agradabilidade [“correct and pleasant”], a audição de excertos de som e atribuição de provável área de proveniência do falante [“dialect identification”] e questões abertas que, procurando aceder à consciência metalinguística dos falantes, se focam na diferenciação/similitude entre áreas, grupos e indivíduos da comunidade linguística [“qualitative data”] (Preston 1999: xxxiv). Deste modo é possível aos investigadores identificar (i) onde os falantes acreditam existir variedades (socio)dialetais, (ii) quais as propriedades linguísticas que sustentam essa divisão geográfica e (iii) que atitudes (crenças, juízos), estereótipos e ideologias populares subjazem à variação reconhecida.

Com efeito, a consciência metalinguística dos falantes, apesar de limitada, permeável a diversos vieses cognitivos e ao desfasamento entre perceção e performance, revela não raras vezes informação privilegiada sobre práticas e usos linguísticos alternativos e/ou circunscritos a certas comunidades de fala (Dorleijn & Nortier 2017: 4), informação que de outro modo ou permaneceria inacessível ou seria negligenciada pelas perceções metalinguísticas tendencialmente enviesadas dos observadores ou investigadores externos. Paralelamente, o facto de os falantes tenderem a descrever a língua em termos prescritivos (Preston 1999: xxxv) permite ainda reconhecer comportamentos linguísticos alinhados e não-alinhados com uma “norma-padrão” que, apesar de por vezes não estar ainda consolidada e/ou reforçada através de instrumentos formais de padronização, é mais ou menos consensualmente partilhada entre membros da comunidade linguística. Uma última motivação para considerar as opiniões e crenças dos falantes decorre da assunção de que o conhecimento deve ser examinado holisticamente, tomando em consideração também as perspectivas daqueles que melhor conhecem as línguas e variedades que são objeto de estudo. Uma vez na posse dessas perspectivas, é possível aos investigadores, muitos dos quais provenientes de sociedades e comunidades linguísticas externas, complementar ou (re)orientar

as suas linhas de investigação, integrando o conhecimento privilegiado de que beneficiam os falantes.⁷

Apesar de os métodos e princípios da dialetologia percetiva terem sido tradicionalmente adotados para investigar línguas maioritárias faladas em países como o Canadá, os Estados Unidos da América ou o Japão, a adequabilidade desta abordagem estende-se também a outros contextos linguísticos, mesmo àqueles caracterizados por uma interseção de desvantagens epistemológicas e sociolinguísticas, muitas vezes desprovidos de uma linha-base a partir da qual perspetivar a variação sincrónica, diacrónica, diatópica ou diafásica. Aceder à consciência metalinguística dos falantes provenientes de comunidades linguísticas minoritárias através dos métodos da dialetologia percetiva pode ser, assim, o ponto de partida para a investigação empírica da variação, permitindo reconhecer e identificar formas e estruturas variáveis, a sua distribuição geográfica e social e os valores subjetivos que lhes são atribuídos. Duas trajetórias podem, assim, seguir-se: (i) no caso de não haver descrições prévias ou suficientemente abrangentes da variação, investigar e verificar a sua validade empírica a partir dos corpora disponíveis ou (ii), no caso de já existirem referências prévias, proceder à comparação das considerações populares com as considerações empíricas registadas na bibliografia e conferir a sua eventual sobreposição e daí inferir implicações mais gerais acerca da comunidade linguística em estudo.

A escassez de estudos dedicados à variação (socio)linguística nas línguas crioulas radica, entre outros fatores, na subrepresentatividade dos corpora em que se baseia a investigação sincrónica deste grupo de línguas (Sippola 2018: 96). Não é, assim, surpreendente que a produção bibliográfica conduzida no âmbito da dialetologia percetiva e das atitudes linguísticas seja também limitada, circunscrevendo-se a alguns trabalhos relativos aos crioulos caribenhos de Martinica (Lefebvre 1974), Guiana (Rickford 1985), Trindade (Winford 1976; Stell 2018) e Jamaica (e.g. Irvine 1994; Irvine 2004; Wassink 1999), ao Chabacano (Lesho 2013; Lesho & Sippola 2014; Lesho 2018) e ao

⁷ Esta abordagem pode ser entendida também como uma tentativa de contornar as práticas científicas neocoloniais que pressupõem a extração de conhecimento por parte de investigadores, sem tomar em consideração as perspetivas locais, ancoradas necessariamente numa memória historiográfica e num conhecimento prático a que os investigadores, sobretudo aqueles provenientes de países WEIRD (“Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democratic”), não conseguem apreender inteiramente. Ver Adame (2021) para uma crítica da “helicopter research” aplicada às ciências naturais, mas extensível também a outras áreas da ciência.

Kriol Australiano (Dickson & Durantin 2019). Apesar desta escassez, estes estudos têm comprovado a adequabilidade dos métodos da dialetologia perceptiva quando aplicados a contextos minoritários, caracterizados pelo contacto e, em alguns casos, pela obsolescência e ameaça linguísticas.

4. Métodos

Este trabalho baseia-se no cruzamento da análise qualitativa de comentários metalinguísticos produzidos pelos falantes crioulofonos nas entrevistas constantes do corpus de documentação *Documentation of Sri Lanka Portuguese* (4.1) e da análise dos resultados da aplicação de um questionário online (4.2). Nas secções seguintes, detalha-se as fontes dos dados considerados, bem como os procedimentos e métodos empregues para a sua extração e análise.

4.1. Comentários metalinguísticos

Entende-se aqui por comentários metalinguísticos as observações ou pontos de vista expressos pelos falantes acerca das formas ou usos linguísticos empregues por uma determinada comunidade linguística ou de fala, a partir dos quais é possível identificar juízos avaliativos mais ou menos explícitos e intuir acerca de ideologias em circulação. A análise de comentários metalinguísticos, considerados como uma “diagnostic tool in sociolinguistics” (Dorleijn & Nortier 2017: 3), permite reconhecer e identificar crenças populares acerca da trajetória de formas e normas linguísticas em mutação e/ou emergentes num dado sistema linguístico e num determinado período cronológico.

As considerações metalinguísticas que aqui examinamos consistem em comentários orais produzidos em contexto de entrevista presencial, surgidos quer espontaneamente quer na sequência de elicitação explícita do entrevistador. Estas entrevistas estão disponíveis para consulta no corpus de documentação intitulado *Documentation of Sri Lanka Portuguese* (Cardoso 2017), depositado no *Endangered Languages Archive* (ELAR). O corpus foi desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa por uma equipa multidisciplinar que, combinando abordagens (socio)linguísticas e etnomusicológicas, recolheu cerca de cerca de 99 horas de gravações áudio e vídeo de entrevistas e performances artísticas, individuais ou grupais, de participantes voluntários das comunidades de *Burghers* portugueses dos distritos de Ampara, Batticaloa, Jaffna e Trincomalee. As entrevistas foram recolhidas entre 2015 e 2023, num total de cerca de 14 meses. Depois de

coligidos, os dados orais foram depois transcritos e anotados, estando disponíveis para consulta sob a forma de ficheiros *ELAN* (Wittenburg et al. 2006). De forma geral, utilizou-se o Crioulo português do Sri Lanka como língua de comunicação nas entrevistas, utilizando-se ocasionalmente também o Inglês ou o Tâmul.

Os comentários (n=96) foram extraídos a partir da consulta das transcrições de cada uma das entrevistas constantes do corpus, tendo sido depois organizados e categorizados de acordo com a seguinte tipologia, adaptada de Long (1999: 213), que distingue comentários que versam sobre características não-linguísticas daqueles que se referem a características linguísticas:

Características não-linguísticas

- a. Atributos, e.g. correção, originalidade, autenticidade;
- b. Compreensão; e.g. clareza, inteligibilidade;
- c. Classificação/comparação intralinguística, e.g. similitude, diferenciação entre X e Y;
- d. Comparação interlinguística; e.g. influência de línguas autóctones.

Características linguísticas

- e. Paralinguísticas
- f. Prosódicas
- g. Fonéticas
- h. Lexicais
- i. Morfossintáticas
- j. Pragmáticas

Os comentários são produzidos por membros da comunidade crioulofona acerca de (i) os seus próprios comportamentos linguísticos, (ii) os comportamentos de membros da mesma comunidade de fala ou (iii) os comportamentos de membros de outras comunidades de fala. A extensão e conteúdo desses comentários é variável, podendo dizer respeito a aspetos mais gerais relacionados com a língua, a sua variabilidade intra- e intercomunitária e a sua relação (interdependência, independência) com o Português ou as línguas autóctones ou ainda com aspetos relativos a formas ou construções empregues por um segmento sociodemográfico particular de uma ou várias comunidades de fala.

Os comentários citados neste trabalho são identificados através de um código individual, apresentado entre parênteses curvos, que identifica os

ficheiros no corpus online e cuja estrutura padrão inclui a abreviatura da língua (slp) e uma referência única, composta por números a que correspondem o número e a parte da sessão da gravação – e.g. slp083_1. Para identificar gravações posteriormente adicionadas ao corpus, as quais resultam de recolhas de dados complementares realizadas em 2015, 2020 e 2023, incorpora-se ainda no código uma referência ao ano da recolha de dados – e.g. slp2010_1.

4.2. Questionário online

Com o objetivo de complementar a análise dos comentários metalinguísticos produzidos em contexto de entrevista, foi desenvolvido um questionário online, de realização individual, única, voluntária e anónima, que procurou obter e eliciar um conjunto de respostas comparáveis relativas à perceção dos falantes acerca da variação sociolinguística em Crioulo português do Sri Lanka, suas configurações sincrónicas e respetivos significados em termos atitudinais/ideológicos. O inquérito foi desenvolvido e implementado na plataforma *SoSci Survey*. Os prospetivos participantes tiveram conhecimento do questionário por duas vias: (i) divulgação na página de Facebook *Documentation of Sri Lanka Portuguese* e (ii) divulgação através de comunicações pessoais.

O questionário, aplicado entre os meses de dezembro de 2022 e novembro de 2023, está estruturado em seis secções temáticas e compreende 35 perguntas abertas e fechadas, algumas das quais condicionais e/ou de preenchimento opcional. Para além das perguntas demográficas iniciais, inclui perguntas de resposta única, de escolha múltipla, de escala Likert e de classificação. As questões foram formuladas em Inglês e em Tâmul e aos participantes era oferecida a possibilidade de responder numa dessas línguas ou em Crioulo português do Sri Lanka.

O questionário iniciava-se com uma breve apresentação dos objetivos do estudo e das garantias quanto ao anonimato e confidencialidade das respostas. Na sua primeira página apresentava-se o consentimento informado, seguindo-se uma secção relativa à informação sociodemográfica dos respondentes. As páginas seguintes, para além de incluírem questões relacionadas com as atitudes em relação à importância da língua, grau de proficiência e padrões auto-declarados de uso, integravam questões tradicionalmente empregues em trabalhos desenvolvidos no âmbito da dialetologia perçetual, nomeadamente aquelas que envolvem a classificação de regiões/grupos de indivíduos numa escala de diferenciação/similitude e de áreas/grupos de indivíduos numa escala de correção/agradabilidade, a audição

de excertos de som e atribuição de provável área de proveniência do falante e questões abertas acerca da diferenciação/similitude entre áreas, grupos e indivíduos da comunidade linguística (Preston 1999: xxxiv).

Importa ainda referir que a amostra obtida não pode ser considerada representativa da população uma vez que os indivíduos que aderiram à participação partilharão um conjunto de características não extensíveis de forma homogénea à totalidade da população crioulofona: tratar-se-ão de indivíduos com acesso à internet, competências de literacia digital e motivações pessoais para completarem o questionário (e.g. interesse no tópico, maior consciência da importância da investigação científica). As limitações dos questionários online são bem conhecidas; a opção metodológica de realizar este questionário prendeu-se com a rapidez e facilidade de recolha e processamento dos dados e com o prospetivo alcance a uma amostra mais vasta e/ou heterógena, salvaguardada pela confidencialidade e anonimato das respostas, bem como pela ausência do investigador.

Os dados recolhidos no questionário foram automaticamente extraídos a partir da plataforma *SoSciSurvey* e implementados em R (R Core Team 2021) através do *package* homónimo *SoSciSurvey* (Unkel 2024). Para a análise e visualização dos itens de resposta que integram uma escala de Likert, utilizou-se, por sua vez, o *package* *likert* (Bryer & Speerschneider 2016).

Os exemplos qualitativos provenientes do inquérito citados neste trabalho são identificados através de um código individual, apresentado entre parênteses curvos, que inclui a abreviatura do questionário (sur) e uma referência única, composta pelo número de série de cada inquirido – e.g. sur254.

Foram validadas apenas as respostas dos 14 participantes que concluíram o questionário, excluindo-se os dados de respondentes que interromperam o preenchimento antes da última página.⁸ Os participantes, nove do género feminino e cinco do género masculino, têm idades compreendidas entre os 20 e os 62 anos de idade, sendo a idade média 32,6 anos (DP = 12,4).

Uma síntese da caracterização sociodemográfica desta amostra é apresentada na Tabela 1. Face ao exposto, é possível verificar que a amostra não

⁸ O número reduzido de respostas pode dever-se a vários fatores, de entre eles (i) a falta de familiaridade com questionários online, (ii) o desinteresse no tópico de investigação, (iii) a autopercepção negativa da capacidade para ajuizar sobre o tópico em estudo ou (iv) a ausência de motivações pessoais para completar o questionário. Apesar de não ter sido possível obter uma amostra representativa, consideramos que as respostas obtidas, salvaguardadas pela confidencialidade e anonimato, constituem uma mais-valia para compreender as atitudes e ideologias linguísticas em circulação na comunidade.

tem uma distribuição consistente no tocante ao género, grupo etário e área geográfica dos respondentes, evidenciando um enviesamento que privilegia respondentes com idades inferiores a 30 anos de idade, do sexo feminino e residentes no distrito de Trincomalee.

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica da amostra (n=14)

Género		Grupo étnico da mãe	
Mulheres	9	<i>Burgher</i> português	14
Homens	5	Grupo étnico do pai	
Idade		<i>Burgher</i> português	13
20-29	8	Outro: <i>Burgher</i> neerlandês	1
30-39	3	Grupo étnico do cônjuge/parceiro	
≥ 40	3	<i>Burgher</i> português	7
Distrito de residência		Cingalês	1
Batticaloa	4	Não tenho cônjuge/parceiro	4
Colombo	1	Outro: Tâmul e Cingalês	1
Trincomalee	8	NA	1
Outros	1		

5. Resultados

Apresenta-se, nesta secção, os resultados obtidos a partir do cruzamento da análise qualitativa dos comentários metalinguísticos produzidos pelos falantes crioulofonas nas entrevistas constantes do corpus DSLP e da análise dos resultados da aplicação de um questionário online. Os resultados são apresentados segundo uma divisão temática, começando-se por introduzir as atitudes e perceções gerais acerca do Crioulo português do Sri Lanka (0). As subsecções seguintes analisam os comentários que versam sobre a perceção da distribuição geográfica das comunidades crioulofonas e da eventual diferenciação interdialeto (0), intradialeto (0) intergeracional e por género (0). Elenca-se, ainda, o conjunto de propriedades linguísticas que os falantes acreditam distinguir e/ou particularizar certos segmentos da comunidade crioulofona (0), às quais são por vezes atribuídas significações valorativas (0).

5.1. Atitudes gerais acerca do Crioulo português do Sri Lanka

Os *Burghers* portugueses partilham a conceção de que o Crioulo português do Sri Lanka é uma unidade discreta, distinta tanto da variedade europeia do Português tanto das outras línguas, autóctones e não só, faladas no país. É ainda

perspetivado como uma parte intrínseca e inalienável da identidade *Burgher* portuguesa: a afiliação linguística é, assim, equivalente à afiliação étnica.⁹

Atitudes favoráveis são tendencialmente partilhadas entre os membros da comunidade: quando inquiridos acerca da importância do CSL, 12 dos 14 respondentes do questionário assinalaram a opção “muito importante”.¹⁰

A consciência da relação entre a variedade europeia do Português e a variedade srilanquense é partilhada pela totalidade dos *Burghers* portugueses, baseada na memória historiográfica dos membros da comunidade que assinalam a data de chegada dos portugueses em 1505/1506 como o momento inicial de implantação da língua portuguesa na ilha. O Crioulo português falado atualmente é perspetivado pelos membros da comunidade como uma versão antiga e fossilizada dessa variedade de Português medieval, trazida e difundida pelo território srilanquense, ignorando-se os efeitos da evolução e do contacto com as línguas dominantes da região. Esta caracterização do crioulo não é incomum numa perspetiva comparada; de facto, são numerosas as comunidades crioulófonas espalhadas pelo mundo que conservam ideologias que descredibilizam e minorizam as suas línguas, concebendo-as como versões desviantes das respetivas línguas lexicadoras. Já em 1900, Sebastião Rodolfo Dalgado notava que o Crioulo português do Sri Lanka é “lá comunmente denominado” por “*português basso* (baixo)”, em oposição ao “*português alto* (puro)”, demonstrando que a noção da inferioridade qualitativa do crioulo era plenamente difundida, surgindo já codificada na própria língua. Atualmente, nas comunidades crioulófonas do Sri Lanka, uma oposição verbal entre o “português baixo” e o “português alto” já não é atestada, pese embora as expressões usadas para descrever a variedade moderna da língua e a sua contrapartida europeia sejam reveladoras de uma crença popular fundamentalmente similar: *vééy lingvááy* [língua velha] ou *vééy purtugees* [Português velho] refere-se ao crioulo, ao passo que *noov purtugees* [Português novo] se refere ao Português Europeu, língua com a qual alguns falantes contactam por via da interação ocasional com membros de associações humanitárias, investigadores ou turistas portugueses. A divergência entre as duas variedades deve-se, na opinião de alguns falantes, ao facto de o crioulo se

⁹ As designações relacionais *baargar lingvááy* ‘língua Burgher’ ou *baargarsu lingvááy* ‘língua de Burgher’ atestam esta conceção essencialista entre a língua e a identidade étnica.

¹⁰ Esta atitude favorável corrobora também Pereira (2022:107-109) que, investigando uma amostra significativa da população de *Burghers* portugueses, obteve resultados positivos quase categóricos (90,9%) para a pergunta de sim/não: “O português [CSL] é uma língua importante para si?”.

ter tornado antiquado ou ultrapassado – *vééy yakafikáá* –, incapaz de acompanhar a atualização a que se teria sujeitado o Português Europeu. A divergência é tal que, agora, falantes de crioulo não conseguem compreender o *noov purtugees*, embora admitam que o inverso não se verifica (1).¹¹

- (1) *Nósa lingvááy vééy yakafikáá. Avóóra teen Portuguese jeentis suuntu nóospa papiyáá nupooley teen kifaláá sara. Avóóra nóós tapapiyáá vééy lingvááy. Avóóra etus tapapiyáá noov lingvááy. Ákóóndu tudus suuntu papiyáá óóras etuspa taintinda, nóospa naanda intinda, ákaley teem.*

‘A nossa língua tornou-se velha. Agora nós não conseguimos conversar com pessoas portuguesas. Nós agora falamos a língua velha e eles falam a língua nova. Quando conversamos entre nós, eles compreendem [a nossa língua], [mas] nós não conseguimos compreender [a língua deles], é assim.’ (slp018_1, B¹²)

Se o reconhecimento da contribuição do Português Europeu para o desenvolvimento e atual configuração do Crioulo português do Sri Lanka é consensual, o mesmo não se verifica relativamente às contribuições derivadas do Inglês ou do Neerlandês (Avram 2013, 2022), as quais são conservadas sob a forma de itens lexicais integrados no seu sistema linguístico, mas cuja origem é desconhecida da generalidade dos falantes.

No que diz respeito às línguas de adstrato, os *Burghers* portugueses reconhecem a influência que as línguas faladas nas respetivas ecologias linguísticas desempenham na configuração atual do Crioulo português, mas ignoram o papel que estas tiveram (e ainda têm) na definição do seu perfil tipológico. Os efeitos do contacto linguístico com as línguas autóctones são pelos falantes constantemente assinalados e as mais das vezes lamentados: o *code-switching* e o uso de empréstimos do Tâmul e do Cingalês são práticas linguísticas que suscitam sempre avaliações negativas, apesar de atestadas na produção de virtualmente todos os falantes de todas as comunidades de fala. Ainda assim, as perceções populares sugerem uma diferenciação geográfica no tocante à proporção e proveniência dos empréstimos: por exemplo, no

¹¹ Ainda que consiga reconhecer algumas palavras, um falante típico de Português terá sempre dificuldade em compreender o Crioulo português do Sri Lanka. A perceção expressa em (1) resulta de um viés de disponibilidade: o falante comenta a maior facilidade que os falantes daquela variedade de Português demonstram em compreender este crioulo a partir da sua experiência com linguistas, ou seja, um grupo muito particular de falantes de PE.

¹² Ao código identificador dos exemplos acrescenta-se, após uma vírgula, a abreviatura referente à proveniência geográfica do autor do comentário. T é, assim, a abreviatura de Trincomalee e B é a abreviatura de Batticaloa.

comentário expresso em (2), refere-se a utilização excessiva de empréstimos do Tâmul por membros da comunidade crioulofona residente no distrito de Batticaloa, admitindo que em Trincomalee os empréstimos provêm maioritariamente do Inglês, uma língua cujo prestígio local e global parece aqui ser reconhecido e simultaneamente subvalorizado quanto à influência exercida sobre o Crioulo português. À influência do Tâmul, pelo contrário, parece neste comentário ser atribuído um papel negativo.

- (2) *Táántu etrus máálvarsu words lobotáá. Máálvarsu word lobotáántu lopapiyáá etrus. Nóós ákaley nuva (...) nóós máás álung óóras ingrees mee lovii, máálvar naa botáá, Batticaloasu jeentis chootu máálvar lobotáá táántu.*

‘Eles usam muitas palavras do Tâmul. Eles falam usando palavras do Tâmul. Nós não somos assim (...) nós usamos mais o Inglês, não usamos o Tâmul, as pessoas de Batticaloa é que usam muito [palavras do] Tâmul.’ (slp1516_3, T)

A integração de empréstimos das línguas autóctones é entendida também como um reflexo da ecologia linguística dos falantes: se inseridos num ambiente de domínio cingalês, os falantes tenderão a utilizar palavras do Cingalês, se inseridos num ambiente de maioria tâmul, utilizarão palavras do Tâmul.

Outro aspeto relevante a considerar está relacionado com a percepção que alguns falantes têm acerca de algumas palavras ou expressões que, apesar de integradas no sistema linguístico do crioulo, são reconhecidas como provenientes de outras línguas, constituindo, por isso, algo a evitar. Por exemplo, em (3), um falante afirma que *chootu* é uma palavra Tâmul, sugerindo uma alternativa sinónima mais apropriada para o exemplo apresentado, desta feita de origem portuguesa.¹³ Em (4), por sua vez, dois falantes provenientes de Batticaloa comentam uma alternância lexical entre dois termos, um de origem reconhecidamente portuguesa (*kuzinháádu*) e outro que, apesar da origem tâmul (*chuundidu* < சூண்டிடு, *chuundal*), evidencia vestígios morfológicos de origem portuguesa.¹⁴ De acordo com um dos intervenientes, apenas a variante *kuzinháádu* pode ser considerada correta – justamente aquela que acreditam ser usada em Trincomalee.

¹³ No corpus DSLP, o número de ocorrências registadas de *chootu* e de *pooku* é bastante similar (n≈500), o que parece contrariar a perspetiva purista deste falante. No entanto, é verdade que *chootu* ‘pouco’ terá origem no Tâmul சூட்ட (sottu) que significa ‘pouco’.

¹⁴ Assim como outras palavras em uso no CSL, *chuundidu* parece ser a combinação de uma base com um sufixo participial derivado do Português.

- (3) *Here chootu is a Tamil word. Could have used pookuley.*¹⁵
'Aqui [no exemplo apresentado na publicação], *chootu* é uma palavra Tâmul. Poderias ter usado *pookuley*.'
- (4) A: *Chuundidu faláá tafaláá nóós.*
B: *Kuzinháádu. Chuundidu faláá naanda faláá (...) áka chuundidu faláá tafaláá, chuundidu nuva, kuzinháádu.*
A: *Trinko viitu tafaláá kuzinháádu. (...)*
B: *Kuzinháádu faláá see mee juustu.*
A: 'Nós dizemos *chuundidu*. (i.e. prato de grão-de-bico, coco ralado, sementes de mostarda e folhas de caril)
B: *Kuzinháádu*. Não se deve dizer *chuundidu*. Diz-se *chuundidu*, mas não é *chuundidu*, é *kuzinháádu*.
A: Em Trincomalee, eles dizem *kuzinháádu*.
B: Só se se disser *kuzinháádu* é que está certo.' (slp2303, B)

Num contexto de subalternidade linguística e social e de concomitante obsolescência do Crioulo português, não surpreende que circule entre alguns falantes uma consciência da necessidade de resistir à incorporação de material linguístico das línguas autóctones e, nomeadamente, do Tâmul, a língua que, de forma geral, domina a ecologia linguística das áreas de concentração crioulófona.

5.2. Distribuição geográfica das comunidades crioulófonas e variação interdialetoal

Relativamente à perceção da extensão geográfica da comunidade linguística, verifica-se que é consensual a ideia de que o Crioulo português do Sri Lanka é falado exclusivamente em território srilanquense, nomeadamente nos distritos de Batticaloa e de Trincomalee, onde, em termos absolutos, se concentrará o maior número de *Burghers* portugueses e de falantes do crioulo. Ocasionalmente, os falantes mencionam a existência de outras comunidades crioulófonas em Ampara ou em outras áreas para onde membros destas comunidades migraram por motivos profissionais ou familiares (e.g. Colombo, Mullaitivu, países estrangeiros).¹⁶ Puttalam, por seu turno, é também

¹⁵ Ao contrário dos outros exemplos considerados neste trabalho, este excerto não provém do corpus de documentação, tendo sido obtido na secção de comentários de uma publicação da página de Instagram @srilankaportuguese.

¹⁶ A dimensão reduzida, a relativa dispersão e os padrões linguísticos destas comunidades deslocadas não nos permitem considerá-las comunidades de fala *per se*.

considerada uma área onde a língua é falada, apesar de a evidência disponível apontar para um cenário de dormência do crioulo.¹⁷ Os respondentes do questionário, por seu turno, assinalaram 8 distritos onde pensam falar-se Crioulo português (Figura 4).

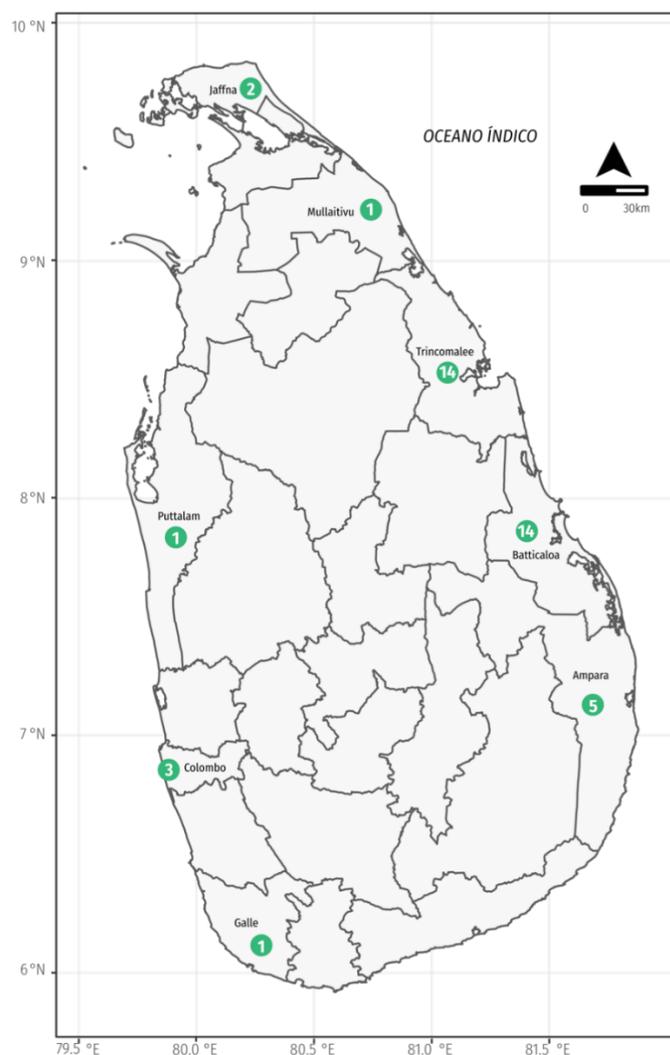


Figura 4: Mapa do Sri Lanka com indicação dos distritos onde os respondentes do questionário acreditam falar-se Crioulo português (o número de participantes que assinalou cada um desses distritos aparece nos círculos)

¹⁷ Os *Burghers* portugueses tendem a reconhecer uma proximidade etnolinguística com os euroasiáticos que historicamente se concentram em Puttalam, apesar de estes se constituírem como um grupo étnico distinto (*Kaffirs*), cuja construção identitária seguiu uma trajetória diferente da dos *Burghers*.

Consensual é também a ideia de que o crioulo falado pelos *Burghers* portugueses espalhados pelo país é um só sistema (5)-(6), crença justificada pela inteligibilidade mútua que caracteriza a interação entre falantes das comunidades crioulófonas dos vários distritos.

- (5) *Nááda difréensa nunteen. Tudu ungaley.*
'Não há diferença nenhuma. É tudo o mesmo.' (slp1507_1, T)
- (6) *Portuguese ung móóstar mee lopapiyáá; difference nunteen.*
'O Português que falamos é o mesmo; não há diferenças.' (slp1511_1, T)

A crença predominante parece ser a de que o Crioulo português do Sri Lanka é uma língua única e relativamente homogênea e monolítica. No entanto, quando inquiridos diretamente acerca da diferenciação ou similitude linguística entre as várias comunidades crioulófonas, os falantes admitem uma configuração mais heterógena da língua, aludindo a uma diversidade detetável (7):

- (7) *Avóóra ákisu móstáarsu Portuguesesu jeentis kum álsu Portuguesesu jeentis kum papiyasáám pooku difréensa (...) Doos máám taan sava páarmi.*
'A forma de falar das pessoas portuguesas daqui e as pessoas portuguesas de lá [de Batticaloa] é um pouco diferente. Eu sei as duas formas.' (slp2307, T)

Em (8), uma falante comenta especificamente a diferença entre as variedades de Batticaloa e de Trincomalee, com as quais está familiariza por via do contacto regular com membros da família do cônjuge. Segundo a sua opinião, "a forma com ele [o marido] e a sua família fala é muito diferente da nossa", integrando, por exemplo, palavras que, embora designando atos mundanos, são na variedade da participante consideradas obscenas.

- (8) *I'm from Trinco and I'm married to a Batti person so when we speak our language there will be more interesting words. The way he and his people speak is much more different than we speak. Ex: cocochi means taking a bath in Batti but it's a bad word in our side; we say lawa to bathe.*¹⁸
'Eu sou de Trincomalee e sou casada com uma pessoa de Batticaloa, então quando nós falamos a nossa língua aparecem muitas palavras interessantes. A forma como ele e a

¹⁸ Os comentários obtidos no questionário foram redigidos exclusivamente em inglês. A transcrição dos comentários obedece, de forma geral, à redação original dos participantes, podendo, no entanto, conter pequenas alterações ortográficas.

sua família fala é muito diferente da nossa. Por exemplo, *cocochi* [kokóórchi] significa ‘tomar banho’ em Batticaloa, mas aqui é uma palavra tabu¹⁹; nós dizemos *lawa* [laváá] para ‘tomar banho’. (sur254, T)

Quando inquiridos diretamente sobre o número de variedades distintas que pensam existir, os participantes do questionário sugeriram a existência de uma (n=4), duas (n=8) ou três (n=1) variedades distintas.

Presumivelmente devido a uma maior consciência linguística e/ou aos seus padrões de mobilidade mais alargados e ao conseqüente contacto mais estreito com *Burghers* de outras localidades ou distritos, estes falantes reconhecem algumas particularidades dialetais, passíveis até de revelar a proveniência geográfica de um dado falante – em (9), uma falante garante que, no momento da interação verbal, tanto os próprios membros das comunidades como membros externos conseguem distinguir, com base em propriedades linguísticas, falantes provenientes dos distritos de Batticaloa e de Trincomalee.

- (9) *Botus andaantu ála interview tafaya óorastu, botuspa lointinda. Avóóra nóós kilááy tapapiyáá kum etrus kilááy yapapiyáá falaantu, botuspa lointinda, ákantu botus difréensa pooy peyáá (...) Paláávras chootu chootu difréensa teem. Ákantu nóós lopeyáá istis Bátikaloa baargar, isti Trinkomálsu baargar falaantu, nóós lopeyáá ákaley, seem.*

‘Quando for lá fazer entrevistas, vai compreender. Vai compreender como é que nós falamos e como eles falam [e] aí vai conseguir reconhecer as diferenças. As palavras são um pouco diferentes. Sim, nós conseguimos reconhecer desse modo: estes são *Burghers* de Batticaloa, este é um *Burgher* de Trincomalee.’ (slp1516_3, T)

De forma geral, os comentários tendem a versar apenas sobre a variação percecionada entre as variedades de Batticaloa e de Trincomalee, ignorando-se os comportamentos linguísticos das comunidades de Ampara, de Jaffna e de outros locais onde a língua é falada. Notabiliza-se, no entanto, um comentário relativo à comparação entre as variedades de Batticaloa e as de regiões de maioria muçulmana pertencentes tanto ao distrito de Batticaloa como ao de Ampara (10).

¹⁹ Nas comunidades crioulófonas de Trincomalee e de Jaffna, esta palavra integra o elenco de palavras consideradas tabus, denotando o órgão sexual feminino.

- (10) *Batticaloantu ung móóstar, Kalmunaintu ung móstáár, Akkaraipattuntu inum móóstar, Valaichchenaintu inum móóstar, kiipa viida sara málváár taam: Valaichchenaintu ung móóstar málváár tapapiyáá... Ála moorus teem naa.*
‘Em Batticaloa [fala-se de] uma maneira, em Kalmunai [fala-se de] uma maneira, em Akkaraipattu [fala-se] ainda de outra maneira, em Valaichchenai ainda de outra maneira, porque é assim também em Tâmul: em Valaichchenai fala-se Tâmul de uma certa maneira... Lá há muçulmanos, não é? (slp2309, B)

Este comentário revela que os falantes têm consciência dos efeitos que o contacto com as variedades locais do Tâmul tem no Crioulo português tal como falado em diferentes áreas. Mencionando as regiões de Oddamavadi, Valaichchenai, Eravur e as de Kalmunai, Sammanthurai e Akkaraipattu, este falante atribui ao contacto regular com falantes muçulmanos de Tâmul a origem da diferenciação linguística que reconhece atualmente no crioulo.

Ocasionalmente, é também mencionada a forma distinta como falantes que emigraram para a capital ou para outras zonas periféricas falam crioulo – veja-se, em (11), um comentário que alude à fluência limitada dos *Burghers* radicados na capital do país, Colombo.

- (11) *I think in Colombo because some of my relatives live there so they speak not so fluently but I can understand. Some translate the sinhala and speak in our language, but it's manageable.*
‘Eu penso que em Colombo [se fala de forma diferente] porque alguns dos meus familiares vivem lá e não falam fluentemente, embora eu consiga compreender. Alguns traduzem a partir do Cingalês e falam a nossa língua, mas é possível compreender.’
(sur254, T)

À semelhança do proposto noutros estudos de percepção sociolinguística, foram propostas aos participantes do questionário duas questões de classificação da “correção/exatidão” e de “agradabilidade” atribuída ao CSL tal como falado nos distritos de Ampara, Batticaloa, Trincomalee e Outros (Figura 5 e Figura 6). Para tal, foram empregues escalas Likert com 5 níveis. Em ambas as questões, os resultados foram similares: as avaliações mais positivas são atribuídas consistentemente aos distritos de Trincomalee (64% das respostas) e de Batticaloa (57%), contrastando com a avaliação negativa que em Ampara (64%) e, sobretudo, nos outros distritos (71% e 79%) o CSL recebe.

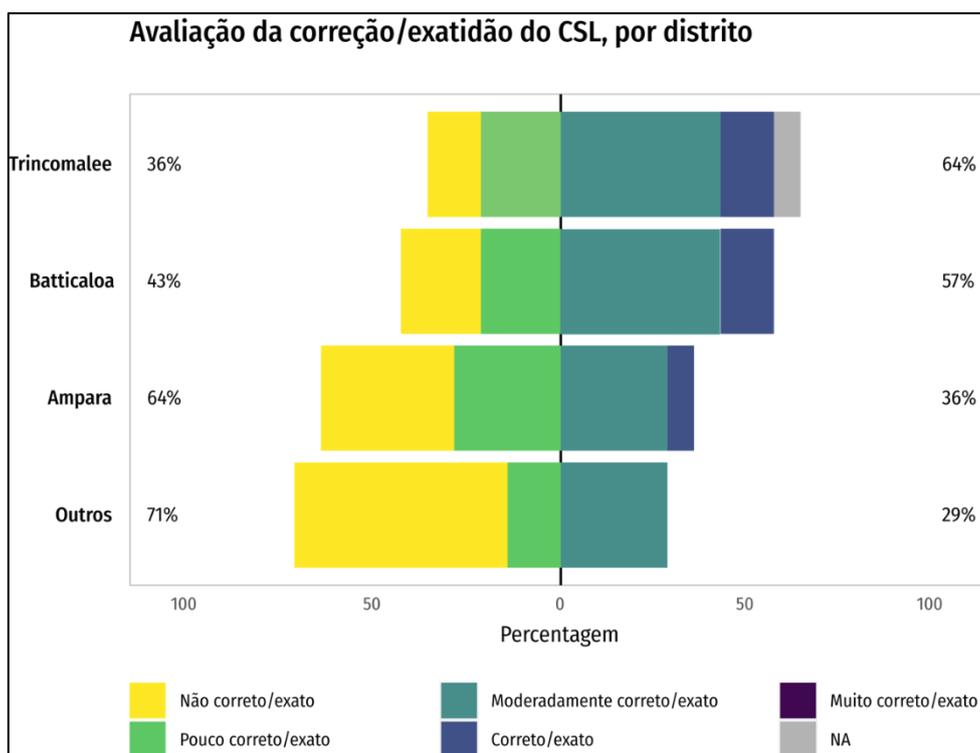


Figura 5: Avaliação da correção/exatidão do Crioulo português do Sri Lanka, por distrito

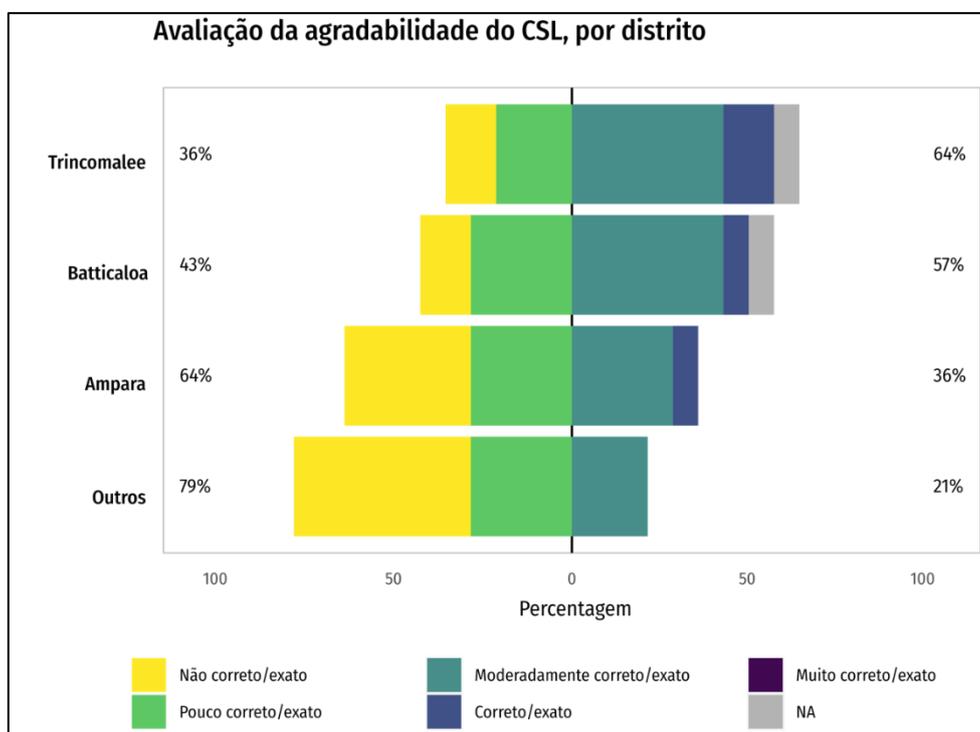


Figura 6: Avaliação da agradabilidade do Crioulo português do Sri Lanka, por distrito

Uma pergunta aberta e opcional solicitava aos participantes que identificassem alguma característica especial que particularizasse o CSL tal como falado em algum dos distritos. Foram obtidas 11 respostas que incidem, em linha com os resultados obtidos a partir da análise dos comentários metalinguísticos produzidos em contexto de entrevista presencial, sobre a “pronúncia” e sobre os efeitos do contacto do CSL com as línguas autóctones (12)-(13). A generalidade dos comentários assegura que a diferenciação geográfica é residual (ou mesmo inexistente), pese embora tendam a notar uma diferenciação no que toca à utilização de empréstimos, necessariamente impactada pelas línguas dominantes na região onde os falantes se localizam.

(12) *Pronunciation is a little different from district to district. While talking in Sri Lanka Portuguese most of the people mix words in tamil or sinhala it's based on the district where they live.*

‘A pronúncia é um pouco diferente de distrito para distrito. Quando falam CSL, a maioria das pessoas junta palavras do Tâmul ou do Cingalês [e isso] é baseado no distrito onde eles vivem.’ (sur384, B)

(13) *In other areas Portuguese might be a bit different in their pronunciation and in Sinhala area they use Sinhala words and Tamil area they use Tamil words in between speaking Portuguese, because some don't know some Portuguese words. And also I have been only to Batticaloa but they speak the same as in Trincomalee. There might be some differences but I don't see many difference on it.*

‘Em outras áreas o CSL pode ser um pouco diferente em termos da sua pronúncia; em áreas de maioria cingalesa, eles usam palavras do Cingalês e em áreas de maioria tâmul, eles usam palavras do Tâmul quando falam CSL, porque algumas pessoas não sabem as palavras em CSL. Eu apenas estive em Batticaloa, mas eles falam da mesma forma que em Trincomalee. É possível que haja algumas diferenças, mas eu não vejo muitas.’ (sur363, T)

Ainda no questionário, os participantes foram convidados a ouvir seis amostras de áudio recolhidas entre 2017 e 2020 com o objetivo de identificar a origem geográfica mais provável do falante em causa. Tarefas de reconhecimento dialetal implementadas noutros contextos linguísticos têm demonstrado que os falantes são consistentemente sensíveis a limites dialetais e, com a inclusão desta questão, pretendia-se verificar se os falantes de CSL partilhariam este tipo de competência sociolinguística – cf. (9).

A seleção dos excertos obedeceu a critérios relacionados com a distribuição equilibrada por área geográfica, género e grupo etário, a curta duração e a produção de formas ou estruturas salientes que poderiam funcionar

como pistas para o reconhecimento da origem do falante (e.g. *artády* ‘tarde’, *kafaláá* COND). Os excertos foram apresentados segundo uma ordem aleatória e aos inquiridos eram apresentadas cinco opções de escolha: Ampara, Batticaloa, Jaffna, Trincomalee ou Outro.

A nenhum dos excertos apresentados foi atribuída uma proveniência categórica, apesar de em três casos (Q1, Q2, Q5) a maioria dos participantes ter seleccionado a opção correta, notabilizando-se a este respeito o excerto 5 com uma percentagem de acerto superior a 85%. Os excertos 3 e 6, integrando amostras de fala de Jaffna e de Batticaloa respetivamente, foram aqueles que convocaram mais dúvidas, com apenas 2 participantes (14,3%) a identificar a origem correta (Figura 7).

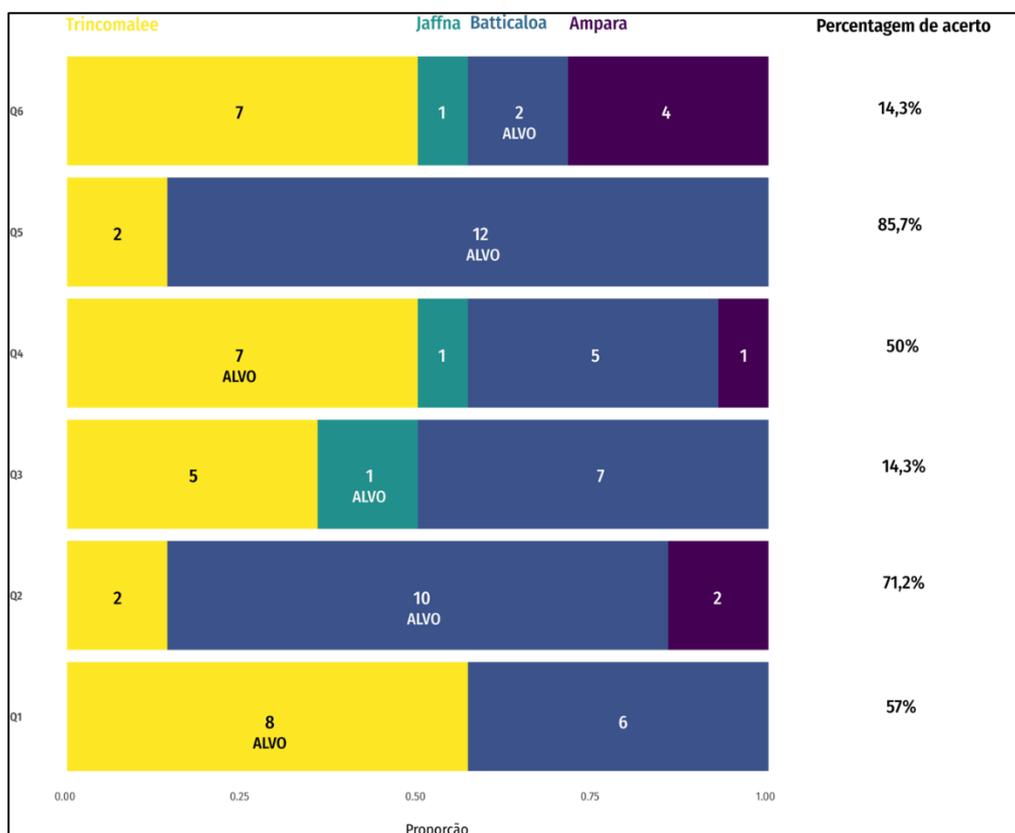


Figura 7: Resultados da tarefa de audição de excertos e identificação de origem do falante, por questão (Q1-16)

A opção Outro não foi seleccionada em nenhuma das perguntas e as opções Ampara e Jaffna apenas foram seleccionadas em três excertos. De todas as opções seleccionadas, Jaffna foi aquela que recrutou menos seleções (4 no total), o que não é surpreendente se considerarmos que a comunidade crioulofona

remanescente de Jaffna é praticamente desconhecida das restantes comunidades. Aos excertos 1 e 5, por seu turno, apenas foram atribuídas as opções Batticaloa e Trincomalee.

5.3. Variação intradialetal

Nas entrevistas, os comentários acerca da variação interna foram esparsos, convocando relativamente pouca reflexão. Este comportamento não é surpreendente se considerarmos o facto de que, em comunidades de fala reduzidas, os falantes tendem a demonstrar mais sensibilidade relativamente à variação intercomunitária/interdialetal do que à variação intradialetal (Dorian 2010: 33).

No questionário, foi desenvolvida uma secção especialmente dedicada à variação intradialetal, procurando-se compreender se teriam os falantes consciência de diferenças mais subtis, entre áreas delimitáveis do seu distrito. Quando questionados acerca da similitude ou divergência entre a fala das diferentes localidades no interior de um mesmo distrito, os participantes consideram que é apenas “um pouco diferente” (n=8), seguindo-se as opções “igual” (3), “diferente” (2), e, por fim, “tão diferente que não consigo perceber” (1). Estes resultados acompanham a tendência expressa no que toca à variação interdialetal, cuja opção mais seleccionada foi também “um pouco diferente”.

Quando convidados a indicar os lugares dos seus respetivos distritos onde pensam que o CSL é falado de forma diferente do que a deles (note-se que aqui a questão versava apenas sobre o grau de diferenciação, não se aludindo ainda a nenhuma propriedade qualitativa), as respostas obtidas variam em grau de detalhe, sendo mencionados quer distritos (Batticaloa, Ampara, Colombo, Trincomalee) quer áreas geograficamente circunscritas, quase todas pertencentes ao distrito de Trincomalee (3rd mile post, 6th mile post, China Bay, Orr’s Hill, Palayuthu, Town, Selvanayagapuram) Valaichchenai, no distrito de Batticaloa, aparece também referida.

As duas perguntas seguintes procuraram elicitar especificamente localidades às quais são atribuídas qualidades positivas ou negativas às variedades aí faladas. 10 dos participantes considera que há, de facto, áreas onde o CSL é falado de forma particularmente “boa, clara e fluente”, e.g. Kalmunai, Uppodai, Orr’s Hill, Town, Selvanayagapuram ou Palayuthu (referida 4 vezes). Contrastivamente, 8 participantes consideram que há áreas onde o CSL não é falado “bem, clara e fluentemente”, como é o caso de 3rd mile post, Anbuvelipuram, Iruthayapuram, Jeyanthipuram, Dutch Bar, Panichchiyadi, Kalmunai, Niththiyapuri, Sambalthivu, Palayuthu (2x), Selvanayagapuram,

Town ou Orr's Hill. Cruzando as respostas com a origem dos respondentes verifica-se que os participantes tendem a assinalar áreas dos seus próprios distritos, com apenas 2 respostas a incidir sobre áreas de outros distritos. Notabiliza-se, ainda, um caso único em que o respondente assinalou a sua própria localidade como uma das áreas onde não se fala bem, clara ou fluentemente.

Destas últimas duas perguntas, sobressaem três considerações relevantes: (i) os participantes são mais detalhados quando convidados a indicar localidades onde pensam que o CSL é falado de forma menos correta ou fluente e (ii) algumas das localidades figuram simultaneamente nas duas categorias, demonstrando o quão não-catóricas são estas percepções e, por fim, (iii) parece transparecer uma dicotomia que distingue áreas tradicionalmente mais centrais, i.e. de maior concentração *Burgher* (e.g. Uppodai, Palayuthu), de áreas mais periféricas (e.g. Sampalthivu, Nithiyapuri, Panichchiyadi).

5.4. Variação intergeracional e por género

A variação intergeracional é tipicamente correlacionada com a obsolescência linguística: muitos são os comentários que reconhecem a situação de ameaça que o crioulo enfrenta atualmente, lamentando-se a interrupção generalizada da transmissão intergeracional e a ausência de esforços para reverter a situação. A negligência dos pais (14) e, em particular, das mães é comumente assinalada como a causa do declínio da competência em crioulo entre os mais jovens. Identifica-se, portanto, a presença e circulação de um viés de género que atribui um peso acrescido ao papel das mulheres e das mães na (falta de) transmissão desta língua (15).²⁰

- (14) *Áklóóra táántu jeentispa nikera sava. Idááy yafóoy jeentispa etuspa sava. Avóóra noov jeentispa nukusava (...) Kiipa kamfaláá etus nukuprenda. Etussu pááy mááy faláá nukudáá. (...) Áki málváár menáá máás taan tapapiyáá. Áklóóra málváár papiyáá viida, etus málváár mee papiyáá papiyáá yakakustumáá.*
'Agora há muitas pessoas que não sabem [falar crioulo]. Os mais idosos, eles sabem. Mas os jovens não sabem (...) Porque eles não aprenderam. Os pais deles não lhes

²⁰ De facto, a relação entre a manutenção linguística e os papéis de género é relevante, uma vez que a transmissão intergeracional é tipicamente assegurada pelas mães em contextos domésticos. As atitudes e crenças que as mulheres partilham acerca das línguas é, assim, crucial para assegurar a sua vitalidade. Importa, no entanto, ressaltar que as atitudes e crenças individuais são o reflexo das atitudes e crenças partilhadas pela sociedade em geral, difundidas e mantidas mais ou menos inconscientemente.

ensinaram. Aqui fala-se mais Tâmul, não é? Porque se fala mais Tâmul, foi Tâmul que eles aprenderam a falar.’ (slp046_1, B)

- (15) *Mááy viintu baargar dáála teem unga, etrussu mááysu mááy viintu nukupapiyáá, podhiyááspa nukukustumáá faya dáála.*
‘Mesmo que as mães deles sejam *Burghers*, as suas avós não falavam, então é por isso que os filhos não aprenderam [crioulo].’ (slp056_3, T)

Aos membros mais séniores da comunidade são atribuídas qualidades linguísticas que contrastam com as práticas dos mais jovens (16)-(18); refere-se muitas vezes como os mais velhos *tudu sava* [sabem tudo] ou *buniitu/befeentu lopapiyáá* [falam bem], conservando palavras e expressões entretanto caídas em desuso ou já totalmente desconhecidas dos jovens, os quais tendem a adotar ou integrar material linguístico das línguas autóctones ou do Inglês. A ideia de que os falantes de crioulo, sobretudo aqueles que são menos proficientes, traduzem a partir do Tâmul ou Cingalês é expressa com alguma frequência, revelando uma consciência que se expande para lá da meramente fonológica ou lexical e que abrange desta feita a morfossintática (19).

- (16) *Older people speak better Portuguese and with a better accent. They use the original Portuguese.*
‘As pessoas mais velhas falam melhor CSL e com um sotaque melhor. Eles usam o Português original.’ (sur220)
- (17) *Vééy jeentis mee nósá lingvááy tudu sava; áka nóóspa ung móstáár; nósá podhiyááspa ung móstáár.*
‘Os mais velhos é que sabem tudo na nossa língua; nós [falamos] de uma maneira e os nossos filhos falam de outra maneira.’ (slp2306, T)
- (18) *Older people speak in the correct way not as youngsters and most of the young people don't know many words in Sri Lanka Portuguese, so youngsters who speak Sri Lanka Portuguese are very rare.*
‘As pessoas mais velhas falam da forma correta, não como os mais jovens. A maioria dos jovens não sabe muitas palavras em CSL, por isso, jovens que falam CSL são muito raros.’ (sur384, B)
- (19) *Avóóra teen jeentispa nukusava viida, áka málváár translateeles etus lopapiyáá.*
‘Porque as pessoas de agora não sabem, eles falam como que traduzindo do Tâmul.’ (slp2304, T)

Duas questões de classificação de “correção/exatidão” e de “agradabilidade” do CSL tal como falado pelos vários grupos etários foram também apresentadas aos participantes (Figura 8 e Figura 9). Em virtude do exposto, não surpreende que apenas ao grupo dos mais velhos tenham sido atribuídas as classificações positivas “muito correcto/exato/agradável”, estando aos mais jovens atribuídos os níveis mais negativos em ambas as escalas consideradas. Em particular, é significativo que à fala dos mais jovens se tenha atribuído 100% das respostas às opções “não correcto/exato”, “pouco correcto/exato” ou “moderadamente correcto/exato”.

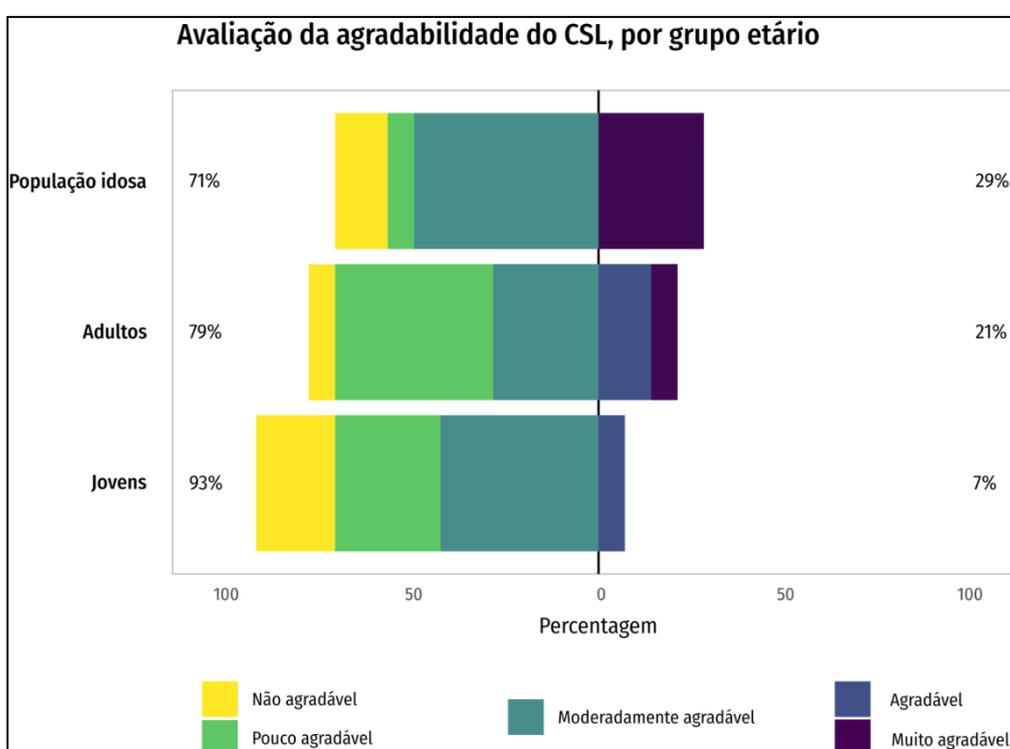


Figura 8: Avaliação da correção/exatidão do Crioulo português do Sri Lanka, por distrito

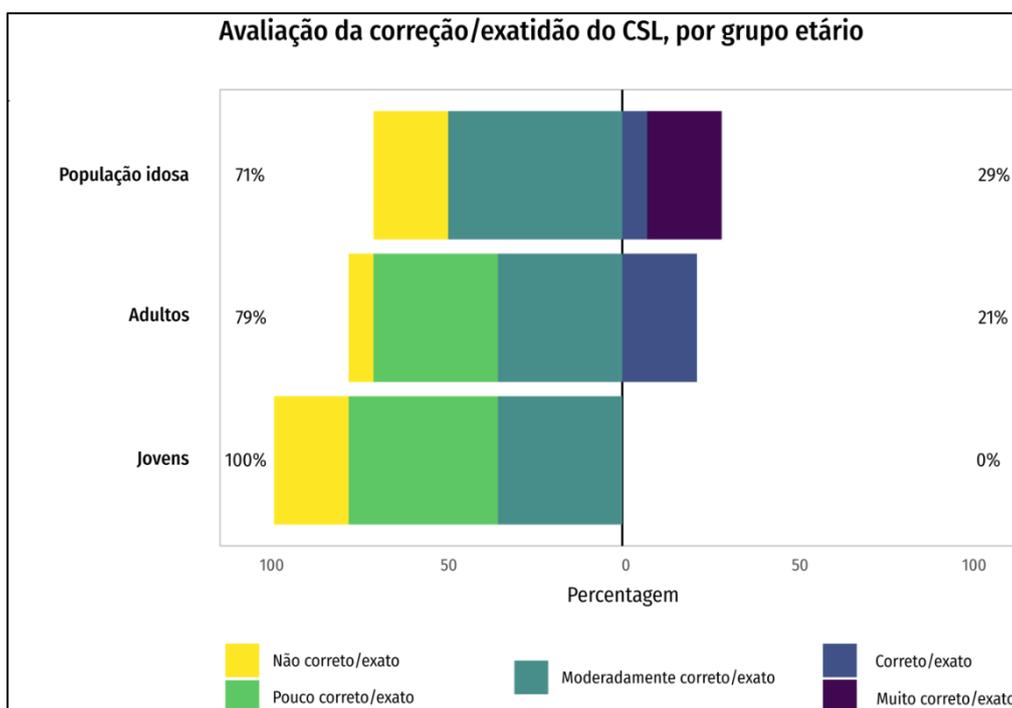


Figura 9: Avaliação da agradabilidade do Crioulo português do Sri Lanka, por distrito

Os falantes parecem, deste modo, conseguir identificar e distinguir diferentes níveis de competência linguística no comportamento linguístico dos seus pares, aludindo a um contínuo de proficiência e de compreensão em crioulo explicitamente codificado através de um conjunto de expressões como *buniitu/befeentu lopapiyáá* [falar muito bem], *chootu chootu lopapiyáá* [falar um pouco], *buniitu/befeentu lointinda* [compreender bem], *pooku pooku lointinda* [compreender muito pouco], *ástaantu naa intinda/nukusava* [não compreende ou não sabe muito] ou *viráádu lopapiyáá* [falar mal]. Estas caracterizações qualitativas sugerem que os falantes são capazes de identificar e assinalar os grupos e/os indivíduos que, de facto, fazem parte da comunidade crioulofona e aqueles que, em virtude da sua falta de competência na produção e na compreensão do crioulo, dela estão excluídos.

Ainda que se reconheça uma situação generalizada de ameaça linguística, parece circular a ideia de que é em Trincomalee que se encontra a comunidade de fala mais vital e, por isso, as melhores perspetivas de manutenção. Com efeito, os dados do inquérito sociolinguístico apresentados em Pereira (2022) assim o corroboram, revelando a comunidade crioulofona de Trincomalee como a mais fluente do país em termos relativos. Esta perceção não é, no entanto, unânime. Uns acreditam que é em Batticaloa que o crioulo é

mais usado (20)²¹, ao passo que outros sugerem que é em Trincomalee que se encontra a comunidade crioulofona mais vibrante (21).

(20) *Bátikloantu tudus máás Portuguese menáá nóós kipapiyáá, ála ingrees mee máás kipapiyáá.*

‘Em Batticaloa nós todos falamos mais Crioulo português, lá [em Trincomalee] eles falam mais Inglês.’ (slp083_1, B)

(21) *Ála máás lopapiyáá. Áki justaantu travááyley teen.*

‘Lá fala-se mais. Aqui [Batticaloa] é realmente um problema.’ (slp088_4, B)

Por fim, importa referir que não se atestaram quaisquer menções espontâneas a variabilidade motivada pelo género do falante, pela posição no ranking social, pelo contexto situacional ou por outros fatores socialmente determinados. A elicitación explícita do entrevistador acerca destes tipos de variação, por seu turno, confirmou que os falantes acreditam não haver diferenças significativas que distingam o crioulo falado e.g. por homens ou mulheres ou em diferentes registos comunicacionais. Estes resultados encontram paralelo também nos resultados obtidos no questionário: à pergunta “pensa que as mulheres e os homens falam CSL de forma igual ou diferente”, 10 dos 14 respondentes assinalou a opção “igual”. Não surpreende, assim, que as respostas à pergunta aberta e opcional para indicar traços que caracterizem a fala de homens e mulheres não tenha recolhido adesão por parte dos participantes, que a ignoraram ou mencionaram a dificuldade em explicar, com exatidão, as eventuais diferenças.

5.5. Propriedades linguísticas variáveis

Quando convidados a identificar e refletir sobre as propriedades linguísticas que distinguem ou particularizam certos segmentos da comunidade crioulofona, os falantes mencionaram algumas características, abrangendo vários módulos da gramática – veja-se, na Tabela 2, as características paralinguísticas, prosódicas, fonéticas, lexicais, morfossintáticas e pragmáticas por eles elencadas.

²¹ Note-se que, neste comentário, não é inteiramente claro se o falante se refere à frequência de uso ou à prevalência relativa do crioulo.

Tabela 2: Características linguísticas identificadas pelos falantes

Tipo	Propriedades identificadas	Exemplos	Atribuição dialetal?
Paralinguísticas	Velocidade de fala, alongamento prosódico	–	✓
Prosódicas	Pronúncia, sotaque	–	geral
Fonéticas	Segmentos vocálicos	<i>b[o]va ~ b[e]va</i> ‘beber’	∅
	Segmentos consonânticos	<i>a[v]óóra ~ a[g]óóra</i> ‘agora’ <i>nistááy ~ nistáá</i> ‘necessário’	∅
Lexicais	Uso de palavras ou expressões decalcadas do Tâmul	<i>veerdi kochigááy</i> < பச்சை <i>கொச்சிக்காய்</i> (<i>pachchai kochchiggaay</i>) ‘pimenta verde’	✓
		<i>chottu</i> < சொட்டு (<i>sottu</i>) ‘pouco’	∅
		<i>chuundidu</i> < சுண்டல் (<i>chuundal</i>) ‘sundal’, i.e. prato de grão-de-bico, coco ralado, sementes de mostarda e folhas de caril	✓
		<i>váchaan</i> < மச்சான் (<i>machchaan</i>) ‘irmão’, i.e. forma de tratamento informal entre indivíduos do sexo masculino	✓
		vários termos de parentesco	✓
	Integração de empréstimos das línguas autóctones ou do Inglês	–	✓
	Formas concorrentes	<i>kokeera ~ kókriin</i> ‘coqueiro’	∅
		<i>kokóórchi ~ laváá</i> ‘tomar banho’	✓
		<i>cheruppu ~ sináála</i> ‘chinelos’	∅
		<i>falsudááy ~ fáálsa</i> ‘inveja, ciúmes’	✓
		<i>kuzinháádu ~ chuundidu</i> ‘sundal’	✓
		<i>irmáán ~ váchaan</i> ‘irmão’	✓
		<i>nistááy ~ kera</i> ‘necessário’	∅
		<i>reméédi ~ chééli</i> ‘dinheiro’	∅
Morfossintáticas	Marcação de caso: pronomes	<i>paami ~ eev-pa</i> 1SG.OBL ~ 1SG-OBL	✓
	Transferência estrutural	–	geral
Pragmáticas	Sufixo imperativo honorífico <i>-nga</i> < நங்க (<i>nga</i>) <i>-ngalen</i> < நங்கலன் (<i>ngalen</i>) <i>-kadii</i> <i>-ka</i>	<i>vii-nga</i> ‘venha’ <i>vii-ngalen</i> ‘venha’ V-IMP.HON <i>vii-kadii</i> ‘venha’ <i>vii-ka</i> ‘venha’	✓

A identificação destas propriedades linguísticas variáveis faz-se tipicamente acompanhar de um enquadramento quer comparativo quer prescritivo. No primeiro caso, os falantes assinalam que dada propriedade ou é característica idiossincrática de uma dada comunidade de fala ou é atestada mais frequentemente num determinado segmento sociodemográfico da comunidade, definida em termos sociais ou geográficos. No segundo caso, os falantes ajuízam sobre o grau de (in)correção ou (in)conformidade das propriedades identificadas, pondo a descoberto as suas noções prescritivistas.

Do elenco de propriedades identificadas, apenas emergem como consensuais aspetos relacionados com as opções lexicais ou com o que os falantes denominam de “pronúncia” e “sotaque” (22). No tocante ao léxico, são frequentemente mencionados o uso de formas idiossincráticas, a já referida incorporação diferenciada de empréstimos das línguas autóctones ou do Inglês ou o emprego de palavras ou expressões decalcadas do Tâmul, como exemplificado nos exemplos (3), (4) e (23).

(22) *Same words, but pronunciation difference teem.*

‘São as mesmas palavras, mas na pronúncia há diferenças.’ (slp2302, B)

(23) *Wordstu mee etrus difréensa teem (...) áki nóós irmáán faláá tafaláá, gráándi irmáán, pikiniin irmáán faláá tafaláá, etrus váchaan faláá tafaláá.*

‘É nas palavras que eles [Burghers de Batticaloa] são diferentes. Aqui nós dizemos *irmáán* [irmão], *gráándi irmáán*, *pikiniin irmáám* [irmão mais velho, irmão mais novo], eles dizem *váchaan*. (slp1506_1, T)

Por vezes, comenta-se também aspetos paralinguísticos percecionados como traços distintivos de comunidades de fala geograficamente circunscritas, como exemplificado em (24). Nem sempre é claro a que se referem os falantes quando afirmam que algumas pessoas “pusáá lopapiyáá”, pese embora tenhamos indicação de que poderá estar relacionado com a velocidade da fala ou o alongamento prosódico. De acordo com esta entrevistada, é em Batticaloa que se fala deste modo, ao contrário do que se passa em Trincomalee.

(24) *Etus pusáá lopapiyáá, nóós tak faláá lopapiyáá.*

‘Eles falam [como que] puxando, nós falamos rapidamente.’ (slp2306, T)

Referências a propriedades morfológicas ou sintáticas são menos frequentes, o que não é surpreendente se considerarmos o facto de a consciência metalinguística dos falantes se deter tipicamente em aspetos mais superficiais e

menos abstratos da língua, como é o caso dos fonéticos e lexicais. Ainda assim, alguns falantes são capazes de identificar alguns fenómenos morfossintáticos que aqui merecem destaque. Em primeiro lugar, uma noção de transferência estrutural das línguas autóctones é comumente mencionada, o que, nos termos populares, se denomina de “tradução” – cf. (19). Em segundo lugar, pelo menos dois comentários reconhecem a variação atestada no paradigma dos pronomes pessoais, que opõe formas monomorfémicas e bimorfémicas para os pronomes da primeira pessoa singular (25)-(26).²²

(25) *Difréensa teem, seen. Paláávrastu difréensa teen. (...) Isti paami kera falaantu Trinkomálsu jeentis lopapiyáá, etrus Bátikaloa jeentis eevpa. Minhantu kii tapuntáá? falaantu Trinkomál see lopapiyáá, baargar Bátikoa'su jeentis lopapiyáá, 'eevpa kii tapuntáá?'*

‘Há diferenças, sim. Há diferenças nas palavras. As pessoas de Trincomalee dizem *paami kera*, as pessoas de Batticaloa [dizem] *eevpa*. Se formos de Trincomalee dizemos *minhantu kii tapuntáá?* [o que é que me estás a pedir?], *Burghers* de Batticaloa dizem *eevpa kii tapuntáá?* (slp1516_3, T)

(26) *Eevpa faláá lofaláá, eevpa. Paami faláá naanda faláá etus, eevpa faláá mee lofaláá, ákalees teen.*

‘Eles dizem *eevpa, eevpa*. Eles não dizem *paami*, é *eevpa* o que eles dizem, é assim.’ (slp2304, T)

Por fim, importa ainda referir um tipo de variação linguística situado na intersecção entre a morfologia e a pragmática, referente às formas imperativas honoríficas.²³ Por um lado, os falantes apontam para a profusão de sufixos honoríficos que parecem estar em concorrência nas variedades modernas da língua, opondo formas de origem portuguesa (*-kadii, -ka*) a formas que reconhecem como provenientes do Tâmul (*-nga, -ngalen*) e, por isso, avaliadas negativamente (27). Nem todos os membros da comunidade concordam, no entanto, que estes sufixos honoríficos não fazem parte do Crioulo português; de facto, algumas pessoas admitem mesmo que só a utilização destas formas veicula as noções de respeito e cordialidade social requeridas (28).

²² Este comentário esteve na origem de parte da investigação conduzida em Cardoso & Costa (2021), exemplificando como a análise dos comentários metalinguísticos pode ser uma ferramenta fundamental para identificar e analisar variáveis sociolinguísticas.

²³ Nordhoff (2013: 431) já houvera identificado o uso de *-nga* como forma imperativa honorífica na variedade falada em Trincomalee.

- (27) *Áka málváár voonda lofaláá சாப்பிடுங்கலன், etus lofaláá portuguese voonda kilááy lofaláá? Kumagalen faláá álung jeentis tafaláá, áklóóras áka tudu difréensa, viráádu.*
 ‘Em Tâmul, diz-se சாப்பிடுங்கலன் (*saappudungalen*). Como é que eles dizem em Português? Algumas pessoas dizem *kumagalen*. Nesses casos, é tudo diferente, é errado.’ (slp2305, T)
- (28) *Maami daadhi, mamaa, papaa, grááandi irmáámsley tinha see, ‘viika, santaanga, andáá papapiyáá pooy voo’, áka ung respetáádu móódu. Etrus áka naa usáá ála, eev oyáá teen. (...) kii see grááandi jeentis menáá, nóós respetu dáá kera, ála áka naa, áka etuspa nukusava.*
 ‘Se estiver [a falar com] a mãe, o pai, a avó, o avô, os nossos irmãos mais velhos, [dizemos] ‘venha, sente-se, pode vir falar’, que é uma maneira respeitosa de falar. Eles não usam isto lá, eu já reparei (...) nós temos de mostrar respeito a quaisquer pessoas importantes, não é? Lá não é assim, eles não sabem.’ (slp2301, T)

5.6. Avaliações sociais da variação linguística identificada

O significado social associado a determinadas estruturas linguísticas numa dada comunidade de fala é partilhado, difundido e reconhecido entre os seus membros, explícita e implicitamente. Nesta subsecção, atentamos nas avaliações ou valorações sociais a que os falantes de Crioulo português recorreram para enquadrar as variáveis que identificaram ou comentaram. Veja-se, na

Tabela 3, a lista não-exaustiva de termos avaliativos utilizados para descrever as propriedades linguísticas variáveis identificadas.

Tabela 3: Alguns termos avaliativos utilizados para descrever variedades/variantes do Crioulo português do Sri Lanka

Correção	Respeitabilidade/delicadeza	Originalidade/autenticidade
<i>juustu</i> ‘correto, certo’	<i>boom nuteem páláávra</i> ‘palavra inapropriada’	<i>original Portuguese</i> ‘Português original’
<i>boom buniitu</i> ‘muito bem’	<i>pleasantness</i> ‘agradabilidade’	
<i>viráádu</i> ‘errado’	<i>respetáádu móódu</i> ‘modo respeitável’	
<i>chootu viráádu</i> ‘um pouco errado’	<i>harshness</i> ‘rudeza’	
<i>juustu lingvááy naanda</i> <i>papiyáá</i> ‘não falam corretamente a língua’		
<i>tamboomeenti lopapiyáá</i> ‘falam bem’		

A partir da análise deste tipo de comentários é possível identificar alguns temas que emergem recorrentemente no discurso dos falantes, como a noção de (i) (in)correção, erro ou desvio a um padrão referencial; (ii) delicadeza/respeitabilidade ou a sua falta e (iii) originalidade ou autenticidade de uma dada variedade ou variante. De forma geral, estes temas revelam autopercepções tendencialmente positivas que contrastam com percepções negativas das práticas linguísticas de outras comunidades de fala, pese embora o contrário também se verifique, i.e. autopercepções negativas que contrastam com percepções positivas de práticas alheias.

A noção de (in)correção, erro ou desvio a uma norma-padrão, necessariamente indefinida em virtude da falta de instrumentos formais de prescrição, é aplicada em termos gerais à produção linguística de alguns falantes. Nem sempre é inteiramente claro a que se referem os entrevistados quando admitem que alguém ou algum grupo fala “incorretamente” (29), mas conseguimos intuir que estará relacionado com questões de conhecimento lexical, de competência pragmática (30) ou, como já aludido anteriormente, de transferência/integração de material linguístico a partir das línguas autóctones ou do Inglês.

(29) *Álung jeentis viráádu tapapiyáá, juustu lingvááy naanda papiyáá. Seem, chootu viráádu tapapiyáá álung mááys, mááys, pááys chootu viráádu tapapiyáá.*
 ‘Algumas pessoas falam incorretamente, não falam corretamente a língua. Sim, algumas mães falam um pouco incorretamente, mães e pais falam incorretamente.’
 (slp056_5, T)

(30) *Ákaley mee nóós lofaláá; etrus áka páláávra (...) boom nunteen páláávra.*
 ‘É assim que nós dizemos; eles usam aquela palavra (...) não é uma palavra apropriada.’
 (slp2301, T)

O exemplo (30) é também ilustrativo da oposição que, através dos pronomes *nóós* [nós] e *etrus* [eles], que serve para enquadrar a variabilidade que os falantes acreditam caracterizar as variedades de Batticaloa e de Trincomalee: às “nossas” práticas adequadas contrastam as práticas “deles”, inapropriadas e/ou desadequadas. Em (31), por seu turno, ilustra-se uma posição mais relativista, em que se comenta como os membros de cada uma das comunidades se consideram detentores da forma mais correta de falar Crioulo português.

(31) *Etrus lofaláá áka juustu faláátu, nóós lofaláá isti mee nósá áka mee juustu faláátu.*
 ‘Eles dizem que aquela é a [forma] correta; nós dizemos que a nossa é que é a correta.’
 (slp2303, B)

Conceitos de respeitabilidade ou delicadeza pragmática são aludidos, mais uma vez em termos dialéticos. No exemplo (32), uma falante assinala como o emprego do sufixo imperativo formal *-nga* é um mecanismo linguístico com significação pragmática naquela comunidade, codificando distinções de respeitabilidade e delicadeza desejáveis, não observáveis nas comunidades crioulófonas de Batticaloa, com as quais está familiarizada uma vez que o seu marido é proveniente de Valaichchenai. No seguimento disto, qualifica ainda a sua variedade como aquela que é “agradável”, por oposição à variedade de Batticaloa, caracterizada como mais “brusca” (33).

(32) (...) *Áka ung respetáádu móódu. Etrus áka naa usáá ála, eev oyáá teen (...) kii see grááandi jeentis menáá, nóós respetu dáá kera, ála áka naa, áka etuspa nukusava.*
‘(...) É uma maneira respeitosa de falar. Eles não usam isto lá, eu já reparei (...) nós precisamos de mostrar respeito a quaisquer pessoas importantes, não é? Lá não é assim, eles não sabem.’ (slp2301, T)

(33) *Ung pleasantnesstu nóós tapapiyáá unga teen menáá. Ála tudu harshness: ‘kii tafaláá boos, kiipa áka, kii áka’, ákaley.*
‘Nós falamos de forma agradável. Lá [e.g. em Batticaloa] é tudo de forma brusca: *kii tafaláá boos, kiipa áka, kii áka*, assim.’ (slp2301, T)

No decurso desta entrevista, uma outra falante assinalou ainda como o uso daquele sufixo imperativo é ilustrativo daquilo que ela considera o “Português original” (34), sugerindo que as outras variantes são inovações mais recentes, às quais não reconhece autenticidade.

(34) *In our language, our original language: andaantu lavaanga.*
‘Na nossa língua, na nossa língua original, [diz-se] *andaantu lavaanga* [i.e. vai e toma banho].’ (slp2301, T)

No final do questionário, duas perguntas de resposta aberta eram apresentadas aos participantes, solicitando-lhes que, em retrospectiva, ajuizassem sobre onde e por quem o Crioulo português do Sri Lanka é melhor falado.

As respostas à primeira questão, observáveis na 10, evidenciam bem como os participantes (e os membros da comunidade crioulófona em geral) conceptualizam a distribuição geográfica dos falantes da sua língua, identificando os distritos onde consideram que a língua é melhor falada. Assim, 8 participantes responderam “Trincomalee”, 4 responderam “Batticaloa” e 2 mencionaram “Trincomalee e Batticaloa”. Importa notar que os respondentes parecem dar uma preferência à sua própria variedade, uma tendência

recorrentemente verificada nos estudos dedicados às atitudes linguísticas. Isto é especialmente verdade quando os inquiridos provêm de Trincomalee: 7 dos 8 participantes deste distrito admitem que é em Trincomalee onde consideram que “se fala melhor CSL”. Os respondentes de Ampara e de outras localizações responderam apenas “Batticaloa”. Por seu turno, os participantes de Batticaloa distribuíram as suas respostas entre “Batticaloa”, “Trincomalee” e “Batticaloa e Trincomalee” (n=2).

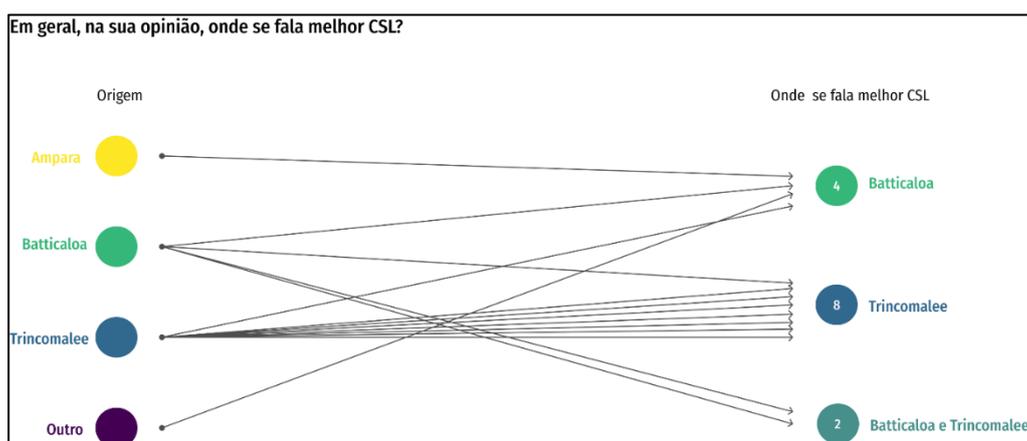


Figura 10: Correspondência entre a origem dos respondentes e as respostas à primeira pergunta da última parte do questionário

À pergunta “em geral, na sua opinião, quem fala melhor CSL?”, por sua vez, os participantes optaram por uma de três estratégias: identificar áreas geográficas, especificar o grupo etário dos mais velhos ou nomear membros particulares das comunidades crioulofonas que creem falar particularmente bem. Todas as pessoas nomeadas pertencem ao distrito de Trincomalee, podem ser incluídos em grupos etários acima dos 40-45 anos e são, na sua maioria, homens (apenas 2 dos 6 nomes assinalados pertencem a mulheres).

6. Discussão

Apesar de se constituir atualmente como uma língua minoritária e ameaçada, o Crioulo português do Sri Lanka é, como qualquer outra língua natural, permeável a fenómenos variáveis, os quais são apreendidos, detetados e interpretados pelos seus falantes. O objetivo deste artigo passou, assim, pela análise das perceções populares, i.e. as crenças, atitudes e ideologias,

partilhadas pelos falantes acerca da variação sociolinguística observável na variedade moderna da língua.

Procedendo-se à análise de comentários metalinguísticos produzidos em contexto de entrevista presencial e de dados resultantes da aplicação de um questionário online, verifica-se que os falantes, de forma geral, tendem a perspetivar o Crioulo português como um sistema linguístico discreto, independente e intrinsecamente associado à identidade *Burgher* portuguesa em território srilanquense. Atitudes tendencialmente positivas são partilhadas pela generalidade dos membros da comunidade: admitem que se trata de uma língua importante para si e que é importante preservá-la na comunidade (em linha com o que documenta Pereira 2022: 107). Concomitantemente, parece haver uma consciência coletiva intracomunitária de que a continuidade e vitalidade da língua está ameaçada e que esforços deverão ser empregues para reverter esse processo, mas não é consensual o papel que cada um dos membros da comunidade podia ter tido e ainda pode ter nessa revitalização.

A inteligibilidade mútua que caracteriza a interação entre os falantes provenientes das várias localidades onde tradicionalmente se concentram, a par da relativa homogeneidade linguística, explica a percepção geral de que o CSL se configura como uma língua constituída por uma ou, no máximo, duas variedades demarcáveis, i.e. as variedades faladas em Batticaloa e Trincomalee, os dois baluartes desta comunidade.

Não é, no entanto, incomum que se reconheça a existência de algumas diferenças interdialetais, intradialetais e intergeracionais, as quais são geralmente atribuídas aos efeitos do contacto assimétrico com a(s) língua(s) localmente dominante(s) ou ao decréscimo da competência linguística entre alguns segmentos da comunidade. As diferenças reconhecidas são tendencialmente subvalorizadas, pese embora algumas pessoas afirmem perentoriamente que a diferenciação é imediatamente reconhecível, tanto pelos próprios falantes como por observadores externos – uma opinião que a tarefa de reconhecimento da proveniência geográfica testada no questionário não comprovou inteiramente.

A comunidade linguística de Trincomalee é, por vezes, apontada como aquela que oferece melhores perspetivas de manutenção e preservação do crioulo: tanto membros desta comunidade como membros das comunidades mais a sul referem que é naquela região que mais jovens conservam a língua, pese embora se reconheça e se lamente o desinvestimento geral na transmissão do crioulo, que abrange todas as comunidades crioulófonas. Globalmente, jovens e idosos partilham uma visão pessimista da vitalidade do crioulo, embora tendam a não se envolver ativamente na sua promoção e manutenção. O

desfasamento entre a percepção de ameaça de desaparecimento e os comportamentos quotidianos significa, assim, que as atitudes positivas declaradas em relação ao crioulo podem não ser suficientes para desencadear ações concretas que promovam a revitalização da língua a que alguns membros da comunidade designam de *vééy purtugees/vééy lingvááy* ‘Português velho/língua velha’.

Um conjunto limitado de traços linguísticos variáveis foram mencionados, cobrindo vários módulos gramaticais, da prosódia à pragmática (cf. Tabela 2). Do elenco de propriedades identificadas, não surpreende que surjam mencionados mais frequentemente aspetos mais salientes, relacionados com as opções lexicais ou com o que os falantes denominam de “pronúncia” ou “sotaque”. Às propriedades variáveis assinaladas nem sempre foram associados significados valorativos, mas, nos casos em que o foram, as noções de (falta de) correção, respeitabilidade e de autenticidade surgiram como as mais assinaláveis. Estes resultados ressoam ao que é debatido na literatura sobre percepções populares da variação, demonstrando como as atitudes dos falantes são frequentemente enquadradas à luz de uma norma prescritiva, mesmo em casos em que essa norma não esteja convencionada como tal e, por isso, não beneficie dos mecanismos de divulgação e reforço tradicionais.

A relativa desvalorização da variação que emerge da análise dos comentários analisados parece decorrer de uma conceção unitária da língua: entendido como um elemento idiosincrático e em risco, porque inserido num contexto etnolinguístico desfavorável, o Crioulo português do Sri Lanka é perspetivado como um elemento agregador dos *Burghers* portugueses. A ideia de que a língua se divide em variedades geográficas e/ou sociais tende a não recolher adesão popular porque reconhecer essa divisão seria reconhecer uma divisão identitária a que os membros da comunidade crioulófona não são sensíveis.

Naturalmente, alguns entrevistados partilham opiniões menos unitárias, sublinhando uma diferenciação que é significativa para eles e que, em alguns casos, parece apontar para conceções essencialistas e puristas da língua e que atribuem um peso negativo a qualquer traço reconhecidamente externo e/ou inovador em circulação. Falantes mais velhos e/ou provenientes de certas áreas geográficas são recorrentemente apontados como os garantes de uma forma preservada e original da língua que todos os restantes falantes deviam seguir. Em contraste, a incorporação ou adaptação de formas ou estruturas externas, sob a forma de empréstimos, decalques ou *code-switching*, é atribuída a outros segmentos da comunidade linguística, sendo lamentada e negativamente avaliada – uma instância do que se pode denominar de “monolingual

mindset”²⁴, i.e. uma concepção que perspetiva as interações comunicativas como algo que se estabelece apenas numa única língua, mesmo em contextos em que a diversidade linguística é a norma e não a exceção. A avaliação negativa deste tipo de práticas linguísticas é universal. Apesar disto, o uso de palavras/estruturas decalcadas que não pertencem ao CSL é prática comum, mesmo em (grupos de) falantes cuja performance é considerada exemplar, o que evidencia que as atitudes nem sempre predizem o comportamento (e vice-versa). Em termos ideológicos, parece, pois, que a resistência à aproximação e à assimilação linguística se configura como um mecanismo de resistência à assimilação identitária e de reforço da preservação daquilo que se entende constituir a identidade e nação *Burgher*.

Subjacente às atitudes populares em circulação na comunidade crioulofona, emerge um conjunto de crenças associadas à variação que refletem a adesão por parte dos membros da comunidade a ideologias e noções estáticas e hegemónicas que podem, a médio prazo, impactar negativamente a trajetória de vitalidade do Crioulo português do Sri Lanka. Designadamente, as ideologias puristas que penalizam práticas linguísticas desviantes como “imperfeitas” ou “erradas” podem desencorajar o uso da língua entre membros de alguns segmentos sociodemográficos da comunidade, em particular entre os mais jovens.

7. Considerações finais

Este estudo demonstrou inequivocamente que o Crioulo português não é um sistema tão monolítico e homogéneo como algumas fontes empíricas sugeriram no passado. Com efeito, e ainda que tendam a prevalecer comentários generalizados ou respeitantes apenas a casos de diferenciação dialetal e intergeracional, da análise das percepções populares sobressai a assunção de que a consciência metalinguística dos falantes é sensível à variabilidade atestada nas variedades modernas desta língua. Nas produções linguísticas de membros das várias comunidades de fala, assim como de certos segmentos sociodemográficos, são detetados fenómenos variáveis em vários módulos gramaticais, aos quais são, por vezes, atribuídas valorações sociais.

²⁴ Tradução livre: lógica monolíngue. Termo cunhado por Michael Clyne (2008) para descrever atitudes linguísticas em circulação no contexto australiano.

Este estudo demonstra, ainda, a adequação da aplicação de métodos da dialetologia perceptiva a contextos linguísticos minoritários, permitindo aos investigadores aceder à consciência metalinguística dos falantes e, desse modo, pôr a descoberto concepções populares acerca de fenómenos variáveis, sua distribuição sociodemográfica e enquadramento valorativo. Para além disso, considerar as percepções populares acerca da variação permite ainda, por um lado, (re)orientar o estudo empírico da variação sociolinguística e, por outro, detetar e discutir ideologias linguísticas em circulação que podem vir a impactar processos de mudança linguística já em curso.

Abreviaturas

x	média
CSL	Crioulo português do Sri Lanka
DP	desvio-padrão
DSLPL	<i>Documentation of Sri Lanka Portuguese</i>

Referências

- Adame, Fernanda. 2021. Meaningful collaborations can end “helicopter research”. *Nature*, <https://doi.org/10.1038/d41586-021-01795-1>
- Avram, Andrei A. 2013. The Dutch lexical contribution to three Asian Portuguese Creoles. *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 23(1): 51-74.
- Avram, Andrei A. 2022. The Dutch Lexical Legacy in Sri Lanka Portuguese Creole. *Revue Roumaine de Linguistique* LXVII(1): 3-29.
- Baayen, R. H. 2008. *Analyzing Linguistic Data: A Practical Introduction to Statistics Using R*. Cambridge: Cambridge University Press, <https://doi.org/10.1017/CBO9780511801686>
- Bryer Jason & Speerschneider, Kimberly (2016). likert: Analysis and Visualization Likert Items. R package version 1.3.5, <<https://CRAN.R-project.org/package=likert>>
- Cardoso, Hugo C. 2014. Factoring sociolinguistic variation into the history of Indo-Portuguese. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* (5): 29.
- Cardoso, Hugo C. 2017. *Documentation of Sri Lanka Portuguese*. London: SOAS, Endangered Languages Archive, <<http://hdl.handle.net/2196/00-0000-0000-000F-CB5E-2>>
- Cardoso, Hugo C. 2019. The synchrony and diachrony of an Asian-Portuguese causal morpheme. *Journal of Ibero-Romance Creoles* 9: 27-54.
- Cardoso, Hugo C. & Costa, Patrícia. 2021. Synchronic variation in Sri Lanka Portuguese personal pronouns. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 36(1): 77-108, <https://doi.org/10.1075/jpcl.00070.car>
- Clyne, Michael. 2008. The monolingual mindset as an impediment to the development of plurilingual potential in Australia. *Sociolinguistic Studies* 2(3): 347-66, <https://doi.org/10.1558/sols.v2i3.347>
- Dalgado, Sebastião Rodolfo. 1900. *Dialecto indo-português de Ceilão*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- Dickson, Greg & Durantin, Gautier. 2019. Variation in the reflexive in Australian Kriol. *Asia-Pacific Language Variation* 5(2): 171-207, <https://doi.org/10.1075/aplv.00005.dic>
- Dorian, Nancy C. 2010. *Investigating Variation: The Effects of Social Organization and Social Setting. Investigating Variation*. Oxford: Oxford University Press.
- Dorleijn, Margreet & Nortier, Jacomine. 2017. Introduction. *Applied Linguistics Review* 10(3): 281-91, <https://doi.org/10.1515/applirev-2017-0048>
- Himmelman, Nikolaus P. 1998. Documentary and descriptive linguistics. *Linguistics* 36(1): 161-96, <https://doi.org/10.1515/ling.1998.36.1.161>
- Irvine, G. Alison. 1994. Dialect Variation in Jamaican English: A Study of the Phonology of Social Group Marking: *English World-Wide* 15(1): 55-78, <https://doi.org/10.1075/eww.15.1.04irv>
- Irvine, G. Alison. 2004. A good command of the English language: Phonological variation in the Jamaican acrolect: *Journal of Pidgin and Creole Languages* 19(1): 41-76, <https://doi.org/10.1075/jpcl.19.1.03irv>
- Johnson, Daniel Ezra. 2009. Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis: Mixed-effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass* 3(1): 359-83, <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2008.00108.x>
- Lefebvre, Claire. 1974. Discreteness and the linguistic continuum in Martinique. *Anthropological Linguistics* 16(2): 47-78.
- Lesho, Marivic. 2013. The sociophonetics and phonology of the Cavite Chabacano vowel system. PhD thesis, The Ohio State University.
- Lesho, Marivic. 2018. Folk perception of variation in Cavite Chabacano. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 33(1): 1-47, <https://doi.org/10.1075/jpcl.00001.les>
- Lesho, Marivic & Sippola, Eeva. 2014. Folk perceptions of variation among the Chabacano creoles. *Journal of Ibero-Romance Creoles* 5: 1-46.
- Long, Daniel. 1999. Mapping Nonlinguists' Evaluations of Japanese Language Variation. In *Handbook of Perceptual Dialectology*, Dennis R. Preston (ed), 1:199-226. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, <https://doi.org/10.1075/z.hpd1.22lon>
- Nordhoff, Sebastian. 2013. The current state of Sri Lanka Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 28(2): 425-34, <https://doi.org/10.1075/jpcl.28.2.06nor>
- Pereira, Rui. 2022. *O Crioulo português do Sri Lanka: Uma Perspetiva de Conservação Linguística*. Master thesis, Universidade de Lisboa
- Preston, Dennis R. 1986. Five visions of America. *Language in Society* 15(2): 221-40, <https://doi.org/10.1017/S0047404500000191>
- Preston, Dennis R. (ed). 1999a. *Handbook of Perceptual Dialectology*. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Preston, Dennis R. 1999b. Introduction. In *Handbook of Perceptual Dialectology*, Dennis R. Preston (ed), 1:xxiii-xl. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, <https://doi.org/10.1075/z.hpd1.05pre>
- R Core Team. 2023. *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria, <<https://www.R-project.org/>>
- Rickford, John R. 1985. Standard and Non-Standard Language Attitudes in a Creole Continuum. In *Standard and Non-Standard Language Attitudes in a Creole Continuum*, 145-60. De Gruyter Mouton, <https://doi.org/10.1515/9783110857320.145>
- Sippola, Eeva. 2018. Collecting and analysing creole data. In *Manual of Romance Sociolinguistics*, Wendy Ayres-Bennett & Janice Carruthers (eds), 91-113. Berlin, Boston: De Gruyter, <https://doi.org/10.1515/9783110365955-004>
- Smith, Ian R. 1977. *Sri Lanka Creole Portuguese Phonology*. PhD thesis, Cornell University.

- Smith, Ian R. 1979. Convergence in South Asia: A creole example. *Lingua* 48(2): 193-222, [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(79\)90005-6](https://doi.org/10.1016/0024-3841(79)90005-6)
- Stell, Gerald. 2018. Representing Variation in Creole Continua: A Folk Linguistic View of Language Variation in Trinidad. *Journal of English Linguistics* 46(2): 113-39, <https://doi.org/10.1177/0075424218769724>
- Unkel, Julian 2024. *soscisurvey*: Load data from SoSciSurvey. R package version 0.1.0, <<https://github.com/joon-e/soscisurvey>>.
- Wassink, Alicia Beckford. 1999. Historic low prestige and seeds of change: Attitudes toward Jamaican Creole. *Language in Society* 28(1): 57-92, <https://doi.org/10.1017/S0047404599001037>
- Winford, Donald. 1976. Teacher Attitudes Toward Language Varieties in a Creole Community. *International Journal of the Sociology of Language* 8: 45-76, <https://doi.org/10.1515/ijsl.1976.8.45>
- Wittenburg, Peter, Brugman, Hennie, Russel, Albert, Klassmann, Alex & Sloetjes, Han. 2006. ELAN: a Professional Framework for Multimodality Research. *Proceedings of LREC 2006, Fifth International Conference on Language Resources and Evaluation*, 4.